



ARAUTOS DO EVANGELHO

Nº 292 - Abril 2026

Convite à filial intimidade



CURSO ON-LINE DE

Latim

Patrimônio cultural da Igreja Católica, o latim, além de **língua própria à nossa Fé**, é veículo para o conhecimento de uma literatura que forma a tradição católica e a cultura ocidental. Múltiplas orações, toda a Liturgia do rito romano e as obras das disciplinas eclesásticas, como a Teologia, foram escritas originalmente em latim. **Por isso, a compreensão básica dessa língua é tão importante para a cultura e a religião.**

Pensando nisso, a plataforma de formação *on-line* dos Arautos do Evangelho desenvolveu este curso. Ministrado pela **Ir. Mariana de Oliveira** e composto de dois módulos, ele é a oportunidade perfeita para aqueles que desejam aprender a teoria e a prática da língua que, durante séculos, foi utilizada por grandes Santos e Doutores católicos.



Acesse já e inscreva-se!

WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG

ACOMPANHE A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS ARAUTOS
ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS



TRANSMISSÃO DA SANTA MISSA
DIARIAMENTE ÀS 19H (HORÁRIO DE BRASÍLIA)

ARAUTOS DO EVANGELHO

Ano XXV, nº 292, Abril 2026

ISSN 1982-3193

Revista de cultura
e inspiração católica
publicada por:

Associação Brasileira
Arautos do Evangelho
CNPJ: 03.988.329/0001-09
www.arautos.org.br

Diretor Responsável:
Mario Luiz Valerio Kühl

Conselho de Redação:
Severiano Antonio de Oliveira;
Silvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliaza C.

Administração
Rua Diogo de Brito, 41
02460-110 - São Paulo - SP
admrevista@arautos.org.br

ASSINATURA E
ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
(11) 2971-9050
(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 ÀS 17:00H)

Assinatura e Participação
Assinante (anual): R\$ 330,00 únicos
Participante (por tempo indeterminado):
Colaborador..... R\$ 40,00 mensais
Benfeitor..... R\$ 50,00 mensais
Grande Benfeitor R\$ 60,00 mensais
Exemplar avulso R\$ 28,00

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redação. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Impressão e acabamento:
Plural Indústria Gráfica Ltda.
Av. Marcos Penteadó de Ulhoa Rodrigues, 700
06543-001 - Santana de Parnaíba - SP

SUMÁRIO

➤ PERGUNTAM OS LEITORES	4
➤ EDITORIAL	
Empenho em conviver, à espera de reciprocidade	5
➤ A VOZ DOS PAPAS	
Como deve ser a mãe católica?	6
➤ A LITURGIA DOMINICAL	
"Nenhuma noite é eterna"	8
A Igreja que Jesus quis	9
O processo da conversão	10
Que voz eu escuto?	11
➤ TESOUROS DE MONS. JOÃO	
Genazzano: devoção de toda uma vida	12
➤ TEMA DO MÊS – MÃE DO BOM CONSELHO DE GENAZZANO	
A Conselheira admirável	16
"Queres um conselho?"	20
➤ VERDADES CATÓLICAS	
Dom de conselho – O dom da "aventura"	22
➤ HISTÓRIA, MESTRA DA VIDA	
Mãe e Conselheira dos Papas	24
➤ SÃO TOMÁS ENSINA	
Aliança entre conselho e misericórdia	27
➤ DONA LUCILIA	
Há cento e cinquenta anos, nascia Dona Lucília	28
Venceste-nos, Dona Lucília!	30
➤ O QUE DIZ O CATECISMO?	
Fidelidade à vocação laical	33
➤ UM PROFETA PARA OS NOSSOS DIAS	
Constância na alegria e na dor	34
➤ VIDA DOS SANTOS	
Venerável Maria Teresa González-Quevedo y Cadarso – Teresita, sacrário vivo de Maria	38
➤ ARAUTOS NO MUNDO	42
➤ ESPIRITUALIDADE CATÓLICA	
Nossa Senhora da Saudade – As saudades do Imaculado Coração de Maria	46
➤ VOCÊ SABIA... ..	49
➤ TENDÊNCIAS E MENTALIDADES	
A verdadeira ação só nasce da contemplação	50



Gustavo Kraij

16 Uma devoção para os nossos dias



Vatican Media

24 Os Papas também recorrem a Ela



João S. Clá Dias

28 Sesquicentenário de uma mãe extremosa



Reprodução

50 Joana d'Arc e Teresa de Lisieux: algo em comum?

Envie suas perguntas para o Pe. Ricardo, pelo e-mail:
perguntamosleitores@arautos.org



Pe. Ricardo José Basso, EP

Vi que, quando os sacerdotes consagram, deixam cair um pedacinho da Hóstia grande no cálice. Queria saber o que isso significa segundo a Igreja e qual foi a sua impressão na primeira vez em que o realizou.

Javier Acuña Coello – Via e-mail

Esse gesto tem origem nos primeiros séculos da era cristã. O rito, a princípio chamado *fermentum*, era expressão da unidade entre as Missas celebradas pelo presbítero e pelo Bispo, especialmente o de Roma, o Papa. Este enviava, por meio de acólitos, um fragmento da Hóstia por ele consagrada, para que os padres depositassem no cálice por eles consagrado, expressando assim tratar-se da mesma Eucaristia.

Com o tempo, esse gesto passou a sugerir outras interpretações, sem perder o sentido primitivo de comunhão. Passou a denominar-se *commixtio*, isto é, *mistura* do pequeno fragmento da Sagrada Hóstia inserida pelo sacerdote no cálice, com o vinho consagrado. Seu significado espiritual está contido na oração secretamente rezada pelo presidente da celebração durante a recitação do Cordeiro de Deus: “Esta união

do Corpo e do Sangue de Jesus, o Cristo e Senhor nosso, que vamos receber, nos faça participar da vida eterna”.

Ao consagrar à parte a hóstia e o vinho, a Liturgia quer significar a separação do Corpo e do Sangue de Cristo, ou seja, a sua imolação, sacramentalmente renovada – de modo incruento – na Santa Missa.

Entretanto, Jesus Cristo morreu e ressuscitou, e é o Senhor Ressuscitado que recebemos na Comunhão. Por isso, quando o sacerdote realiza a *commixtio*, está apontando para a Ressurreição do Salvador e para a nossa, como sugere a oração mencionada.

Particularmente, não só por ocasião da primeira Missa, mas em todas as que tenho celebrado, a *commixtio* é um momento de especial intimidade do sacerdote com Nosso Senhor Sacramentado. ✙

Uma pessoa que foi batizada em uma igreja evangélica, e que por desejo de seu coração queira seguir a Religião Católica, pode ser batizada através do catecumenato?

Lucio Couguil – Via e-mail

Caro Lúcio, no fundo sua pergunta seria: o Batismo administrado por outra denominação cristã é considerado válido pela Igreja Católica?

O cânon 869 do *Código de Direito Canônico* indica claramente que os Batismos conferidos em comunidades eclesiais não católicas podem ser válidos ou inválidos. Por isso, faz-se necessário examinar a matéria – água natural –, a fórmula utilizada – “[Nome], eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” – e o mínimo de fé necessária para a realização do que pretende a Igreja com o Sacramento – crença no mistério da Trindade, na divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e no mistério da Redenção.

O *Catecismo da Igreja Católica*, no número 1256, ensina que “em caso de necessidade, qualquer pessoa, mesmo não batizada, desde que tenha a intenção exigida, pode batizar utilizando a fórmula batismal trinitária. A intenção requerida é a de querer fazer o que faz a Igreja quando batiza”.

Sendo o assunto de tamanha seriedade, a Igreja, nos diversos países, depois de atenta análise, estabelece em quais comunidades cristãs o Batismo é válido, em quais é duvidoso e, por fim, em quais é certamente inválido.

Por esse motivo, aconselho-o a procurar o pároco de sua paróquia para solicitar orientação. Caso seja confirmada a validade do Batismo em outra denominação cristã, tratando-se de um adulto, este terá de passar por um simples Rito de Admissão na Plena Comunhão da Igreja Católica.

Além disso, se ele estiver devidamente preparado, poderá ainda receber os Sacramentos da Eucaristia e da Confirmação.

Em contrapartida, caso a validade do Batismo seja duvidosa, o Sacramento poderá ser administrado sob condição; porém, se for constatada a sua real invalidez, o Batismo será administrado na forma habitual. ✙



EMPENHO EM CONVIVER, À ESPERA DE RECIPROCIDADE

A História, quando estiver completa, formará em seu conjunto o esplendoroso e tocante relato do empenho de Deus em Se relacionar com os homens, e a correspondência – ou incorrespondência – que eles tiveram ao chamado divino. Nesse sentido, é pungente a expressão da Escritura: “Quem Me dera que meu povo Me escutasse! [...] Voltaria minha mão contra o opressor. [...] Eu lhe daria de comer a flor do trigo, e com o mel que sai da rocha o fartaria” (Sl 80, 14-15.17).

Esse relacionamento, entretanto, teve clara evolução ao longo dos tempos. No Antigo Testamento, primeiro notamos a comunicação de Deus com Israel através de trovões, fogo e terremotos; depois sua voz Se fez mais humana, ao ser ecoada pelos profetas. Por fim, inaugurada a Nova Aliança, ouvimos São Paulo proclamar: “Nestes dias, que são os últimos, Ele nos falou por meio do Filho” (Hb 1, 2). Encontramos, em tais etapas, uma característica recorrente: o Senhor manifesta-Se ao gênero humano com cada vez mais intimidade.

Ora, nos últimos séculos se multiplicaram – sem proporção com as épocas anteriores – as aparições marianas. Introduzir sua Mãe nesse convívio divino com os homens demonstra o empenho da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade em nos considerar parte de sua família. As mensagens transmitidas por Ela versam, em essência, sobre os mesmos pontos; porém, a forma de Nossa Senhora Se comunicar vai se tornando cada vez mais íntima, manifestando sempre mais perdão, mais misericórdia, mais afeto e mais ternura.

De algum modo, este novo relacionamento foi inaugurado pela Mãe do Bom Conselho: embora o afresco tenha uma origem muito mais remota, sua história adentra o mundo ocidental cristão em 1467. Contudo, aqui não há mensagem, não há manifestações; houve apenas um prodígio ao início, como prenúncio de incontáveis milagres e graças de sagrado convívio. Paradoxalmente, sua eloquência sem palavras é uma comunicação mais preciosa, pessoal, íntima, única para cada momento. É o bom conselho d’Ela para cada um de seus filhos.

Na imortal oração do *Lembraí-Vos*, rezamos: “Nunca se ouviu dizer que algum daqueles que tenha recorrido à vossa proteção, implorado a vossa assistência e reclamado o vosso socorro, fosse por Vós desamparado”. Com razão, pois, Nossa Senhora de Genazzano tornou-Se conselheira de tantos Papas. Ela é o Conselho de Deus junto a cada homem, a quem já não diz apenas “fazei o que Ele vos disser” (Jo 2, 5), mas indica como agradá-Lo.

Sobretudo, a Mãe do Bom Conselho – por ser nossa Mãe – sente especial compaixão por nossa fraqueza e nos concede, não somente o seu bom conselho, como também a força para colocá-lo em prática. Por isso, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira atribuía-Lhe um papel tão importante nestes dias em que a debilidade humana atinge um auge histórico. Será das mãos d’Ela que, no Reino de Maria, brotará a fidelidade dos homens aos apelos divinos.

Para os Arautos do Evangelho – e para todos os que recebem sua influência –, o convívio com a Virgem Santíssima tem um reflexo palpável nos exemplos de vida de Dona Lucília, cujo natalício cumpre, neste mês de abril, seu sesquicentenário. Sua presença cheia de bondade e de amor gratuito, em desuso no mundo moderno, convida a uma intimidade insuspeitada e a uma reciprocidade enternecida. ✠



*Nossa Senhora
do Bom Conselho -
Santuário a Ela
dedicado em
Genazzano (Itália)*

Foto: Tiago Galvão



Como deve ser a mãe católica?

A experiência cotidiana nos mostra que a uma esposa cristã geralmente corresponde uma família na qual permanece vivo o amor a Deus, a prática da vida sacramental e do amor ao próximo. A alegria da vida familiar depende em grande medida da mãe que, com sua generosidade, suaviza asperezas e tensões.

PRÉ-FIGURAS DE MARIA SANTÍSSIMA

O Antigo Testamento e a tradição judaica reconhecem frequentemente a nobreza moral da mulher, que se manifesta sobretudo em sua atitude de confiança no Senhor, em sua oração para obter o dom da maternidade e em sua súplica a Deus pela salvação de Israel dos ataques de seus inimigos. [...]

“Uma mulher forte, quem a encontrará? Ela é muito mais valiosa do que as pérolas” (Pr 31, 10). Na fidelidade da mulher à aliança divina, a literatura sapiencial indica o cume de suas possibilidades e a principal fonte de admiração. [...] Nessas figuras femininas, nas quais se manifestam as maravilhas da graça divina, vislumbra-se Aquela que será a maior mulher: Maria, a Mãe do Senhor.

SÃO JOÃO PAULO II.
Audiência geral, 10/4/1996

O MAIOR EXEMPLO DE AFETO MATERNAL

A Igreja olha com razão para Aquela que gerou a Cristo, o qual foi concebido do Espírito Santo e nasceu da Virgem precisamente para nascer e crescer também no coração dos fiéis, por meio da Igreja. E, na sua vida, deu a Virgem exemplo daquele afeto maternal de que devem estar animados todos quantos

cooperam na missão apostólica que a Igreja tem de regenerar os homens.

SÃO PAULO VI. *Lumen gentium*.
Concílio Vaticano II, 21/11/1964

RECOMPENSA DE UMA VIDA DE RENÚNCIA

Com o seu “sim” [Maria] contribuiu para dar à Fonte de toda misericórdia e benevolência um rosto humano: o rosto de Jesus. [...]

É este o rosto de Deus que Maria deixou que se formasse e crescesse no seu ventre, mudando completamente a sua vida. É o rosto que Ela anunciou através da luz alegre e delicada dos seus olhos de Mãe expectante; o rosto cuja beleza Ela contemplou dia após dia, à medida que Jesus ia crescendo – criança, adolescente e jovem – na sua casa; e que depois acompanhou, com o seu coração de discípula humilde, enquanto Ele percorria os caminhos da sua missão, até a Cruz e Ressurreição.

Para o fazer, também Ela depôs todas as defesas, renunciando a expectativas, pretensões e garantias, como as mães sabem fazer, consagrando sem reservas a sua vida ao Filho que por graça tinha recebido, para que Ela, por sua vez, O doasse de novo ao mundo.

LEÃO XIV.
Homilia, 1º/1/2026

MATERNIDADE À LUZ DA IGREJA E DE MARIA

A maternidade é um dom sublime que a Igreja exalta. Como não o faria, se acredita e reconhece o início da salvação, de sua própria existência, na maternidade virginal de Maria Santíssima, que gerou Cristo? [...]

A experiência cotidiana nos mostra que a uma esposa cristã geralmente corresponde uma família na qual permanece vivo o amor a Deus, a prática da vida sacramental e do amor ao próximo. Da mesma forma, a harmonia, a serenidade e a alegria da vida familiar dependem em grande medida da mulher, esposa e mãe que, com sua intuição, seu tato, seu afeto, sua paciência e sua generosidade, suaviza asperezas e tensões. Ela levanta os ânimos abatidos e oferece um porto acolhedor no qual se refugiar quando surgem problemas em qualquer idade da vida.

SÃO JOÃO PAULO II.
Homilia, 10/5/1990

AQUELA QUE DETÉM O PRINCIPADO DO AMOR

Fortalecida a sociedade doméstica com o vínculo dessa caridade, é necessário que nela floresça o que Santo Agostinho chamava de hierarquia do amor, a qual abrange tanto a

primazia do homem sobre a mulher e os filhos quanto a diligente submissão da mulher e sua dócil obediência, recomendada pelo Apóstolo. [...] Se o homem é a cabeça, a mulher é o coração; e como aquele tem o principado do governo, esta pode e deve reivindicar para si, como algo que lhe pertence, o principado do amor.

PIO XI.
Casti connubii,
31/12/1930

O CORAÇÃO DA FAMÍLIA

A mulher, como ensina a experiência, é acima de tudo o coração da comunidade familiar. Ela é quem dá a vida, e a primeira educadora, obviamente apoiada pelo marido, com quem compartilha sistematicamente todo o âmbito dos deveres educacionais dos pais. Sabe-se, porém, que o organismo humano deixa de viver quando o coração para de funcionar. A analogia é bastante clara. Não pode faltar na família aquela que desempenha o papel de coração. [...]

Essa vocação – essencialmente ligada ao dom divino da maternidade – expressa-se também na missão de esposa e mãe, através da transmissão da verdade da Fé e dos valores éticos.

SÃO JOÃO PAULO II.
Discurso, 13/6/1987

PEDAGOGIA DA VERDADEIRA MÃE CATÓLICA

A mãe tem, nessa primeira pedagogia da religião, uma tarefa tão importante e digna quanto bela e comovente. Mães, ensinai aos vossos filhos as orações cristãs? Preparai, em consonância com os sacerdotes, vossos filhos para os Sacramentos da primeira infância: Confissão, Comunhão, Crisma? Vós os habituais,



Dona Lucilia com seu filho, Plinio

A mãe tem, nessa primeira pedagogia da religião, uma tarefa tão importante e digna quanto bela e comovente; assim ela constrói a Igreja

quando estão doentes, a pensar em Cristo sofredor, a invocar a ajuda de Nossa Senhora e dos Santos? Rezaís o Rosário em família? [...]

Lembraí-vos: é assim que vós construí a Igreja.

SÃO PAULO VI.
Audiência geral, 11/8/1976

AMOR QUE DISPÕE PARA O HOLOCAUSTO INCONDICIONAL

A maternidade pode ser fonte de alegria, mas também pode se tornar fonte de sofrimento e, às vezes, de grandes decepções.

Neste caso, o amor se torna uma prova, muitas vezes heroica, que custa muito ao coração de uma mãe. [...]

Quão extraordinária é, às vezes, a sua participação na solicitude do Bom Pastor! Quanto têm de lutar contra as dificuldades e os perigos! Quantas vezes são chamadas a enfrentar autênticos “lobos”, decididos a levar e dispersar o rebanho! [...]

Seu princípio orientador é Cristo, que revelou o amor que nos é concedido pelo Pai. Uma mulher que acredita em Cristo encontra um poderoso apoio justamente nesse amor que tudo suporta. É um amor que lhe permite acreditar que o que faz por um filho concebido, nascido, adolescente ou adulto, faz ao mesmo tempo por um filho de Deus.

SÃO JOÃO PAULO II.
Homilia, 24/4/1994

MÃES QUE REFLITAM A LUZ PERFEITA DE MARIA

À luz de Maria, a Igreja lê no rosto da mulher os reflexos de uma beleza que é espelho dos mais elevados sentimentos que o coração humano pode albergar: a totalidade do dom de si por amor; a força que é capaz de resistir aos grandes sofrimentos; a fidelidade sem limites, a operosidade incansável e a capacidade de conjugar a intuição penetrante com a palavra de apoio e encorajamento.

SÃO JOÃO PAULO II.
Redemptoris Mater, 25/3/1987



5 de abril – Domingo da Páscoa na Ressurreição do Senhor

“Nenhuma noite é eterna”

✠ Pe. Carlos Adriano Santos dos Reis, EP



*Que lição
podemos
inferir da
Ressurreição
de Cristo
para a época
presente?*

A inquebrantável regularidade com que se realizam as celebrações do Ano Litúrgico, apesar das oscilações dos acontecimentos terrenos, é uma demonstração da majestade celestial da Igreja, sempre ativa ante o vaivém caprichoso das paixões humanas.

Grandiosa, mas não indiferente, ela se utiliza da Liturgia para manifestar-se como Mãe solícita, reavivando em seus filhos o sentido mais elevado da existência cristã. E o auge dessa maternalidade se exerce na celebração da Páscoa, ao recordar o principal acontecimento dos dias de seu Místico Esposo por este mundo: a destruição da prisão sepulcral e passagem da morte para a vida. Que aplicação esse inaudito episódio pode ter para a Igreja de hoje e para nós individualmente?

A impiedade dos membros do sínédrio, que julgavam estar tudo terminado ao selarem a sepultura e guarnece-la com soldados após a consumação do deídicio, contribuiu para enaltecer o maior milagre da História: a Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. O fato, prova mais evidente de sua divindade, tornou-se também o maior sinal de esperança na promessa de uma vida imperecível.

No decorrer dos séculos, a Igreja Católica – Corpo Místico de Cristo imortal – pareceu muitas vezes encontrar-se derrotada sob o peso sepulcral das mais terríveis provações. Ela já se viu abandonada, enxovalhada, perseguida, traída; e hoje vive momentos de aparente noite... Entretanto, a mesma força sobrenatural que operou a Ressurreição

de Cristo habita na Igreja, assegurando-lhe a constante vitória sobre os seus inimigos. Por isso, de modo incompreensível aos olhos humanos, da aparente “morte” em que jaz aos olhos de seus detratores, ela sempre “ressuscitou” e sempre “ressuscitará”.

O mesmo se dá em nossas vidas, se consideradas por uma perspectiva cristã. Nós podemos adotar nossas agruras com muitos lenitivos lícitos, mas nenhum será tão doce quanto a atitude inspirada na figura da Mãe – imagem da Igreja – junto à Cruz: ali estava Ela de pé, transbordante de esperança na Ressurreição.

Por vezes passamos por provas, dificuldades de toda ordem, abandonos, traições, trevas... Contudo, também em nós habita uma força restauradora, “ressuscitadora”: a graça de Deus, que deve nos encher de esperança em relação à eternidade, sobretudo nos momentos de dor, os quais adquirem um novo significado, um nobre sentido e uma razão de sobrenatural alegria com a expectativa de uma ressurreição tanto mais gloriosa quanto maiores forem nossos padecimentos.

Assim, “a Ressurreição de Cristo ensina-nos que não há história tão marcada pela desilusão ou pelo pecado que não possa ser visitada pela esperança. Nenhuma queda é definitiva, nenhuma noite é eterna, nenhuma ferida está destinada a permanecer aberta para sempre. Por mais distantes, confusos ou indignos que nos possamos sentir, não há distância que possa extinguir a força infalível do amor de Deus”.¹

Eis a grande lição da Páscoa, o grande consolo para os homens retos que amam acima de tudo a Deus e sua Igreja: Cristo morreu e ressuscitou. A Igreja imortal – e também os seus filhos, os quais participam dessa imortalidade desde que não pecam a esperança – ressurgem sempre de seus calvários e de seus sepulcros, gloriosa como Cristo na radiosa aurora de sua Ressurreição. ✠

¹ LEÃO XIV. Audiência geral, 8/10/2025.



Ressurreição de Cristo, por Fra Angélico - Museu de São Marcos, Florença (Itália)

Reprodução

A Igreja que Jesus quis

✠ Pe. Manuel Francisco Rodríguez Sancho, EP



Entre as inúmeras expressões eloquentes que o gênio francês encontrou ao longo dos séculos para exprimir determinadas atitudes do espírito humano, encontra-se a seguinte: “*Si j’étais le Bon Dieu...* – Se eu fosse o Bom Deus...” Trata-se da velha tentação que a alma humana tem de julgar suas próprias concepções superiores às do Senhor todo-poderoso, tendência que nos levaria, se por absurdo isto nos fosse dado, a “escrever” uma História diferente daquela que Deus quis.

Esse pensamento bem pode acorrer às nossas mentes ao analisarmos os primórdios da Igreja, tais quais estavam refletidos na Liturgia deste domingo.

No Evangelho encontramos aquele pugilo de homens, que devia pregar o Evangelho a toda criatura (cf. Mc 16, 15), comprimido pelo desânimo e pelo medo entre as quatro paredes do Cenáculo, desprovido de comunhão de critérios – como o demonstra a atitude de São Tomé ao duvidar do testemunho de seus companheiros (cf. Jo 20, 25) –, frágil na fé... Como nós teríamos pensado numa Igreja nascente mais “perfeita”!

Entretanto, Nosso Senhor dá-nos uma lição de onipotência. Tal como penetrou naquele local apesar de estarem “fechadas, por medo dos judeus, as portas” (Jo 20, 19), não existiria obstáculo insuperável para Ele quando se tratasse de guiar em seus primeiros passos a instituição que fundara. Bem o comprova a primeira leitura, na qual vemos essa mesma sementinha, aparentemente tão defectiva, depois de Pentecostes.

A covardia dos discípulos tornou-se “alegria

e simplicidade de coração” (At 2, 46), de maneira que eles passaram a ser estimados pelos mesmos judeus que antes os atemorizavam. A desarmonia cedeu lugar à “comunhão fraterna”, pela qual “todos os que abraçavam a fé viviam unidos” (At 2, 42.44). E aquelas portas fechadas por receios humanos e acanhado espírito de partido, abriram-se com tal fé, ousadia e desejo de conquista que, a “cada dia, o Senhor acrescentava ao seu número mais pessoas que seriam salvas” (At 2, 47).

Sim... Quão diferentes são os nossos critérios dos critérios de Deus! Como a “nossa” fundação da Igreja teria sido diversa daquela que Nosso Senhor Jesus Cristo desejara. Ora, Ele queria nos mostrar que é normal toda obra divina estar marcada em seu início e, sobretudo, em seu desenvolvimento pela dificuldade e pelo sofrimento, tal como, na segunda leitura, ensina São Pedro aos primeiros cristãos: é “necessário que agora fiquéis por algum tempo aflitos, por causa de várias provações” (I Pd 1, 6).

Dessa forma, o contraste entre a contingência humana e a onipotência divina dá a Deus a glória que Lhe cabe.

Bela lição para nós, que tantas vezes escolhemos, para nos guiar em nossas vidas, critérios por demais pessoais e divorciados dos desígnios divinos. Analisemos, pois, com olhos sobrenaturais as circunstâncias que devemos atravessar, sobretudo quando elas nos contrariam, considerando que Deus sempre envia provas para nos santificar, como fez com sua Igreja nascente e ao longo de todos os séculos. ✠

Se hoje me fosse dado o poder de guiar os passos da Igreja nascente, eu o faria como Nosso Senhor?



A incredulidade de São Tomé, detalhe de “Maestà”, por Duccio di Buoninsegna - Museo dell’Opera del Duomo, Siena (Itália)

Reprodução

O processo da conversão



✠ Pe. Eduardo Miguel Caballero Baza, EP

Jesus está disposto a nos acompanhar em pessoa até a Emaús dos nossos caprichos, para nos fazer voltar à Jerusalém da fidelidade

A vida espiritual é um processo. Ninguém se santifica de um dia para outro e também ninguém decai da noite para o dia; tudo se dá passo a passo, tanto para subir quanto para descer, pois essa é a via normal no estado de prova em que nos encontramos nesta terra.

Assim se deu com os discípulos de Emaús, que passaram por um processo de conversão dirigido sábia e delicadamente por Nosso Senhor Jesus Cristo, ao longo do caminho que percorreram junto com Ele. Nós também somos acompanhados por Jesus em determinados momentos de nossa existência. E Ele está disposto a ir conosco até a Emaús dos nossos caprichos, para fazer-nos voltar à Jerusalém da fidelidade.

O Evangelho não esconde que aqueles dois discípulos partiam tristes para Emaús, certamente sua terra. Depois de alguns anos convidados a se elevarem muito acima dos modestos horizontes de um israelita comum, isso significava retorno à mediocridade. Conversavam e discutiam pelo caminho, procurando harmonizar os terríveis acontecimentos da Paixão com a ideia mundana que possuíam do Messias. E não conseguiam, porque sua mentalidade estava equivocada, seu roteiro estava errado.

Até fisicamente estavam fazendo o caminho contrário ao do Messias, que concebeu a sua vida pública como uma longa viagem em direção à Cidade Santa, onde haveria de consumir sua missão redentora: “Aproximando-se o tempo em que Jesus devia ser arrebatado deste mundo, Ele resolveu dirigir-Se a Jerusalém” (Lc 9, 51). Contudo, no meio da estrada do desânimo, Nosso Senhor em pessoa veio ao encontro deles.

Primeiro na intenção, último na ação. A intenção mais profunda do Divino Mestre era a conversão

daqueles discípulos, preparada ao longo do percurso mediante o convívio e consumada na recepção da Sagrada Eucaristia: “Eles, por sua parte, contaram o que lhes havia acontecido no caminho e como O tinham reconhecido ao partir o pão” (Lc 24, 35).

Mas estaria São Lucas se referindo mesmo à Sagrada Eucaristia? Trata-se de uma questão muito discutida entre os exegetas ao longo da História, e ainda hoje.¹ Entretanto, a respeito da expressão “partir o pão”, é necessário fazer notar que as palavras do texto original grego são idênticas às usadas pelo mesmo Evangelista para se referir à Celebração Eucarística em várias passagens dos Atos dos Apóstolos.² Por esse motivo, e apesar da opinião contrária de insígnies comentaristas,³ é legítimo supor, com base na exegese atual, que Jesus celebrou a Eucaristia com os dois discípulos. E foi justamente aquela Sagrada Comunhão o que operou neles uma transformação radical: de céticos, tornaram-se fiéis; de medrosos, passaram a ser valentes.⁴

E eu? Estou num processo de conversão a Deus ou de afastamento em relação a Ele? Sei reconhecer Jesus caminhando a meu lado e me explicando a Sagrada Escritura? Ou também me encontro “cego”? Que percurso estou fazendo em minha vida? Dirijo-me a Jerusalém ou a Emaús? Peçamos a Maria Santíssima que não permita que nos extraviemos na estrada de nossa salvação. ✠

¹ Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. Um dos mais belos convívios da História. In: *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, v.I, p.306-307.

² Cf. At 2, 42.46; 20, 7.11; 27, 35. A esse respeito, ver: CRIMELLA, Matteo. *Luca. Introduzione, traduzione e commento*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2015, p.372.

³ Por exemplo: RICCIOTTI, Giuseppe. *Vita di Gesù Cristo*. Cles: Mondadori, 2008, p.710.

⁴ Cf. RODRÍGUEZ, SJ, Alonso. *Ejercicio de perfección y virtudes cristianas*. 3.ed. Madrid: Testimonio, 1995, p.1150.

Jesus e os discípulos de Emaús -
Catedral de São Francisco Xavier,
Green Bay (Estados Unidos)

Que voz eu escuto?

✠ Pe. Fabio Hideki Kobayashi, EP



É comovedor analisar como Nosso Senhor Jesus Cristo utilizava-Se de imagens correntes para ensinar um povo predominantemente agrícola e pastoril. Nesse sentido, as palavras recolhidas pelo Evangelho deste domingo devem ter atingido de forma especial determinadas fibras de alma daquela gente.

Os redis, cercados com pedra ou madeira, tinham naquele tempo uma única porta, a qual era custodiada por um guarda enquanto os pastores descansavam. O vigilante só abria essa entrada para os legítimos pastores, os quais chamavam as suas respectivas ovelhas. Estas, reconhecendo a voz de seu guia, separavam-se das demais e o seguiam pelo caminho.

Essa realidade bem representa o modo de Nosso Senhor agir. Enquanto “porta das ovelhas” (Jo 10, 7), Ele é o modelo a ser seguido por todos – pois fomos criados à sua imagem e semelhança –, bem como Aquele que, pela Redenção, nos abre o acesso à salvação.

“As ovelhas escutam a sua voz” (Jo 10, 3), que convida constantemente a abandonar as vias do pecado e a enveredar pelo caminho da virtude. Ora, Cristo chama todas as ovelhas, mas só O seguem as que O consideram como seu Pastor. Há, portanto, uma separação entre aquelas que aprenderam a reconhecer o timbre de sua voz e as que campeiam outras vias.

Independentemente das circunstâncias históricas, a cada geração o Bom Pastor chama, por intermédio da voz de seus ministros, novas ovelhas, as quais hão de discernir o timbre inconfundível da verdade. Não nos enganemos: pelo dom da fê recebido no Batismo, os fiéis têm um senso sobrenatural – que a Teologia denomina *sensus fidei* – para reconhecer onde está a voz a ser seguida.

Ora, para salvar-se não basta ouvir a voz; é preciso seguir o pastor. E a leitura dos Atos do Apóstolos nos indica como. O primeiro Papa encontra-se em sua pregação inaugural depois de Pentecostes, quando o drama da Paixão ainda estava vivo em toda

a Jerusalém. Ele, no entanto, proclama as verdades como elas são, sem o menor receio, produzindo um choque imenso, com fruto imediato: “O que devemos fazer?” (At 2, 37), interpelam as multidões.

Elas escutaram a voz do pastor e sua conversão foi comprovada pela mudança no modo de agir e de se comportar! São Pedro deixa claro a necessidade dessa mudança: “Convertei-vos e cada um de vós seja batizado” (At 2, 38). Eis o resultado de se usar a porta da verdade e não procurar saltar pelo muro da dissimulação, como o ladrão: naquele dia realizaram-se três mil Batismos.

E eu, verdadeiramente posso afirmar com o salmista que “o Senhor é o pastor que me conduz” (Sl 22, 1)? Quando Ele me chama, reconheço sua voz? Estou atento às suas palavras? Ou vou protelando minha conversão, fingindo que não O escuto e alimentando a esperança de Ele não me cobrar mais?

Se eu estiver nesta situação, não devo desanimar: até o último suspiro Nosso Senhor sempre volta a chamar a cada um, e está voltando, para mim, nesta Liturgia. Além disso, confiou-nos uma Mãe misericordiosa, porta pela qual o Bom Pastor entrou nas nossas vidas, e voz que tantas vezes convida o mundo à conversão. Deixemo-nos, pois, ser guiados por Ela! ✠

O Bom Pastor - Catedral de Nossa Senhora da Assunção, Montauban (França)



Francisco Lecaros

Imerso na balbúrdia do mundo contemporâneo, estou atento, como verdadeira ovelha, à voz do único Pastor?



Genazzano: devoção de toda uma vida

Luiz Francisco Beccari

Diante do santo afresco ninguém pode ficar excluído da cena, como um mero espectador. Junto à Mãe do Bom Conselho só há uma posição a ser tomada: unir-se àquele Menino e deixar-se carregar por Nossa Senhora. Ou seja, fazer-se filho!

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Em nossas relações filiais com a Mãe de Deus, a compreensão dos fundamentos da Mariologia ocupa, sem dúvida, um papel importante; entretanto, não é tudo e tampouco seu aspecto mais relevante.

O fator primordial no convívio com a Santíssima Virgem consiste sempre numa graça sensível e de caráter místico, numa experiência sobrenatural que nos faz “degustar”, no mais fundo da alma, a bondade inefável, compassiva e transbordante de perdão que emana de seu maternal olhar.

Essa graça se manifesta, não raras vezes, a propósito das perplexidades e incertezas que nos afligem ao longo da vida, ou mesmo em meio a uma terrível prova espiritual. Poder-se-ia até afirmar que, quando alguém nutre certa relutância em relação à devoção a Nossa Senhora, é sinal de que ainda não passou por um grande apuro...

A constatação do quanto Maria nos quer bem e deseja auxiliar-nos na solução dos problemas que nos angustiam,

faz desabrochar em nós um sentimento de indizível gratidão pelos benefícios imerecidamente recebidos.

A percepção místico-experimental de tal bondade, tal capacidade de perdoar, curar as feridas e apagar os pecados, tal disposição de sempre acolher qualquer miserável que se apresente diante d’Ela, por pior que seja seu estado de alma, dá origem a um vínculo pessoal, íntimo e filial com a Santíssima Virgem. Vínculo estreitíssimo, pois está arraigado na própria trama da vida do indivíduo e envolve todos os aspectos de sua existência, quer sejam as aflições, as provas e os fracassos, quer as alegrias, as esperanças e os sucessos.

Gênese de uma devoção

No decorrer do ano de 1967, o amor filial a Nossa Senhora e o próprio vínculo da sagrada escravidão de amor a Ela já haviam deitado profundas raízes em minha alma. Contudo, uma nova iniciativa da graça marcaria de forma

perene minha vida: o “encontro” com a Mãe do Bom Conselho.

Em dezembro desse ano, Dr. Plínio sofreu uma grave crise de diabetes, que culminou com uma intervenção cirúrgica de urgência no Hospital Sírio-Libanês e a amputação de quatro artelhos do seu pé direito. Nessa ocasião recebi a enorme graça de assisti-lo pessoalmente, desde os albos da enfermidade, quando ele ainda guardava repouso no seu apartamento, em companhia de sua extremosa mãe, Dona Lucília, até a fase final da convalescença.

Poucos meses antes de os sintomas da doença se manifestarem, chegara providencialmente às mãos de Dr. Plínio um livro sobre *Mater Boni Consilii*, de autoria de Mons. George Francis Dillon, missionário irlandês que havia residido por algum tempo no santuário de Genazzano. Escrita em inglês, a publicação fora traduzida para o francês, idioma no qual a leu.

Muito o impressionaram os fatos extraordinários ali narrados sobre a história do

afresco e dos fenômenos sobrenaturais nele observados, em especial as contínuas mutações de cor e de expressão fisionômica. Entretanto, embora houvesse acompanhado com atenção o suave e discreto movimento da graça em sua alma durante a leitura, este não lhe fora suficientemente claro para que nele discernisse qualquer sinal de uma mudança de clave ou de um novo rumo em suas relações com Nossa Senhora.

Para além dos incômodos e padecimentos decorrentes da diabetes e do pós-operatório, Dr. Plínio passava por uma terrível noite escura da alma, relacionada a inúmeros dissabores que enfrentava nos círculos mais próximos de seu apostolado e à perenidade de sua obra. Anos depois ele afirmaria que esta provação espiritual lhe fazia sofrer muito mais que a enfermidade física.

No dia 16 de dezembro, estando ainda convalescente da operação em seu quarto do Hospital Sírio-Libanês, Dr. Plínio recebeu a visita de um grupo de discípulos, alguns deles provenientes do Estado de Minas Gerais. Um deles havia pedido a um amigo em viagem pela Itália que lhe trouxesse uma estampa da *Madonna del Buon Consiglio di Genazzano* e desejava apresentá-la a Dr. Plínio.

Desembrulharam então uma moldura com a estampa da *Madonna* e a apoiaram nas pernas de Dr. Plínio, o qual se encontrava na cama hospitalar, reclinado sobre vários travesseiros. Ele a tomou em suas mãos e, visivelmente emocionado, contemplou-a em silêncio por um período de vinte minutos, entrecortado apenas por breves exclamações:

— Que imagem magnífica! Impressionante, extraordinária! Olhem, parece que Ela quer falar. Ela mudou de cores. Como é bondosa, maternal! Ela sorri, disposta a ajudar!

Tal como Mons. Dillon¹ comenta em seu livro, também com as réplicas impressas do afresco de Genazzano por vezes se dão fatos miraculosos. No quadro que tinha diante de si, Dr. Plínio pôde constatar as mesmas mudanças de

cor e de expressão fisionômica tão frequentes no original. E, à maneira de um afago, ele compreendeu que Maria Santíssima como que lhe dizia: “Meu filho, não se perturbe. Confie, porque sua obra será concluída e você cumprirá por inteiro sua missão”.

Reportando-se a esse episódio, Dr. Plínio revelaria mais tarde: “No momento que olhei para a estampa, tive toda a impressão de que a imagem se animava, sorria e me fazia entender, pelo jogo fisionômico, que eu devia ter toda confiança”. O sorriso de *Mater Boni Consilii* era a resposta afetuosa às perplexidades e interrogações que o afligiam.

A contemplação dessa graça mística recebida por meu pai espiritual deixou marcas indeléveis em minha alma, abrindo-me um novo horizonte no relacionamento com Maria Santíssima, o qual se intensificaria gradualmente ao longo dos anos, até se constituir na própria espinha dorsal de minha devoção a Ela, sob a particular invocação da Mãe do Bom Conselho de Genazzano.

Origem remota, convívio envolto em mistério

O afresco da *Madonna del Buon Consiglio* é uma imagem “peregrina” e repleta de imponderáveis, cuja origem mais remota se perde no mistério. Sabe-se que já se encontrava em Scutari, na Albânia, havia mais de sete séculos quando migrou para Genazzano, nas cercanias de Roma, no ano de 1467.

Qual é a sua verdadeira procedência? Que artista genial a pintou? Foi fruto apenas do talento humano, ou entrou igualmente o concurso angélico? Proveio de uma inspiração sobrenatural, uma aparição da Mãe de Deus? A enigmática bordadura na gola do Menino Jesus constitui um mero ornato, ou ali se lê alguma palavra em idioma desconhecido relativa à sua missão? Essas são algumas das perguntas que afloram à mente de um devoto observador quando considera a riqueza de detalhes do afresco, refletida no porte, nos gestos ou nas próprias vestimentas de seus augustos personagens.

Todavia, nada atrai tanto a atenção quanto o celestial convívio entre Mãe e Filho ali retratado, cuja contemplação sempre fez minhas delícias:

“Num gesto de intenso afeto, transbordante de amor, Ele envolve com a mão direita o nobre e delicado pescoço de sua Mãe, enquanto com a esquerda segura energicamente a parte superior do vestido d’Ela, como a dizer: ‘Sois toda minha!’ É tão categórico esse comovedor e divino amplexo, que sua vista direita parece levemente desviada da linha normal, pela ênfase com que Ele estreita sua face à de sua Mãe Santíssima.

“Sem deixar de exprimir em nada a fisionomia própria de uma criança, o Divino Infante não denota, entretanto, a menor superficialidade, tão característica dessa fase da vida. Pelo contrário, como um oceano de seriedade, transparece n’Ele toda a profundidade e amplitude do entendimento, toda a força da vontade, toda a elevação e nobreza do sentir. E tem a mais alta consciência do que representa sua Mãe, do paraíso interior que Ela Lhe oferece. [...]”

“Por sua atitude, o Menino Deus parece dizer a cada um: ‘Se queres algo de Mim, pede-o por meio de minha Mãe e serás atendido’”²

A cabeça de Nossa Senhora está levemente apoiada na cabeça do Menino, como a indicar a total união – quase se diria unidade – existente entre ambos, a qual se exprime sobretudo pelo intercâmbio de olhares. E como Eles Se olham! Parece tratar-se de um só e mesmo olhar! Tem-se a impressão de que Ela está a nos confidenciar: “Meu filho, o Altíssimo depositou em Mim maravilhas jamais excogitadas pelos Anjos e Santos do Céu. Por isso, há mistérios de Deus que os espíritos bem-aventurados só conhecem penetrando em meu olhar. E há mistérios que eles só compreenderão contemplando essa troca de olhares entre Mãe e Filho”.

Das incontáveis imagens ou pinturas representando a Santíssima Virgem com o Divino Infante ao colo de que tenha notícia, nenhuma deixa transparecer

tanto essa união quanto o afresco de Genazzano. Há algo na cena que parece sugerir a quem a analisa enlevado: “Se quiser conhecer o Menino, é necessário vê-Lo no olhar d’Ela; de modo similar, para conhecê-La por inteiro, é preciso vê-La no olhar d’Ele”. Homem algum poderá penetrar nesse intercâmbio de olhares se não se deixar atrair pela sagrada e divina intimidade existente entre Mãe e Filho. São tantas as maravilhas ali contidas, que a eternidade será insuficiente para desvendar os seus segredos!

É precisamente esse transbordamento de amor e carinho o que experimento cada vez que me aproximo de *Mater Boni Consilii*. Estar diante do sagrado afresco, deixar-me penetrar pela troca de olhares entre Mãe e Filho, sentir-me de algum modo inserido nesse inefável convívio, constitui para mim uma espécie de “pré-visão beatífica”, que me enche a alma de consolação e reaviva todas as minhas esperanças interiores. Quanta alegria, quanto amparo, quanta sustentação espiritual ali recebo nos longos colóquios com minha Mãe!

Inesquecível encontro

A primeira vez que visitei o milagroso afresco foi em novembro de 1978, durante uma estadia em Roma. O outono europeu estava bem avançado e, acostumado às suavidades dessa estação no Brasil, eu ainda não conhecia os seus rigores. Tampouco sabia como ir, por mim mesmo, à pequenina e encantadora Genazzano, razão pela qual pedi a um amigo da Cidade Eterna que me acompanhasse.

Tomamos um ônibus na *Stazione Termini*, o qual ia parando em todas as pitorescas cidadezinhas medievais que havia pelo caminho, até chegar finalmente a Genazzano. Entramos no santuário logo após o almoço.

Ao ver o afresco, senti grande alegria. Nossa Senhora nos recebeu com muita maternalidade e me arrebatou a alma por inteiro, confirmando meus anseios a respeito da vitória

d’Ela sobre a Revolução. Aproveitei a ocasião para tirar diversas fotografias e ali permaneci por longo tempo, num abençoado convívio. Em determinado momento, porém, quando o sol já havia se posto, um sacerdote começou a balançar o molho de chaves, indicando-nos ter chegado o horário de fechar a igreja.

Esse primeiro contato constituiu o marco inicial de um relacionamento com a Mãe do Bom Conselho todo feito de intimidade e afeto, de confidências e orientações sobre as vias a trilhar. Na viagem de regresso, eu tremia de frio, pois não havia levado agasalho e as janelas do ônibus estavam abertas. Não obstante, tomado de enorme consolação, continuava ainda absorto nas considerações sobre a fisionomia da imagem, sua atratividade e cores.

Os benefícios desse breve encontro com *Mater Boni Consilii* foram imensos e me levaram a fazer um propósito: na medida em que minhas obrigações de apostolado o permitissem, não deixaria transcorrer muito tempo sem retornar a Genazzano, pois não mais conseguiria viver longe do celeste convívio com a Mãe e o Menino no bendito afresco. De fato, nas décadas seguintes Nossa Senhora me propiciaria a oportunidade de visitá-La inúmeras vezes.

“Estreitai-me em vossos braços maternais”

Inúmeros fatos teria a narrar. Mas como encerrar em breves linhas um convívio que se iniciou em 1978 e se prolonga, por mais de quatro décadas, até os dias atuais?”

Constantemente Nossa Senhora me convida a viver abandonado aos seus cuidados, às suas solitudes e ao seu amparo, envolvendo-me no mesmo amor com que Ela cobre seu Divino Filho.



Arquivo Revista

“Estar diante do sagrado afresco, deixar-me penetrar pela troca de olhares entre Mãe e Filho, sentir-me de algum modo inserido nesse inefável convívio, constitui para mim uma espécie de ‘pré-visão beatífica’”

Afresco da Mãe do Bom Conselho, fotografia tirada em novembro de 1978 por Mons. João, que aparece em destaque, na mesma ocasião. Na página anterior, o fundador dos Arautos no Santuário de Genazzano, em março de 2005



Arquivo Revista

Filho é aquele que compreende por inteiro sua mãe e sabe discernir as atitudes de alma dela através de simples gestos ou olhares

Santa Missa celebrada por Mons. João diante do milagroso afresco, em fevereiro de 2006

Com efeito, todas as vezes que rezo diante do afresco de *Mater Boni Consilii* ou mesmo de alguma réplica, sinto minha alma, por assim dizer, ungida por um bálsamo que traz novas forças para minha luta, novo alento para meus dias e novas graças para minha vida. A Senhora do Bom Conselho é para mim um sorriso da Providência, um farol nas tempestades, uma estrela reluzente nas noites escuras!

Há algo misterioso no quadro, pelo qual o convívio com Nossa Senhora é tão sublime e elevado que exclui qualquer forma de comunicação humana ou mesmo angélica. Ela nos fala diretamente ao coração. Como? Conversando conosco através do olhar. O bom conselho que Ela nos traz está estampado no seu olhar, que ora se manifesta afetuoso e maternal, ora sério e grave, ora inexorável e justo... Poderíamos passar dias e dias, e até eternidades inteiras, comentando esse olhar, pois quem pode abarcar a envergadura do olhar de Maria Santíssima? Ninguém... ou melhor, somente o Menino que Ela carrega nos braços.

Entretanto, diante do santo afresco ninguém pode ficar excluído da cena, como um mero espectador. Não! Junto a *Mater Boni Consilii* só há uma posição a ser tomada: unir-se àquele Menino e deixar-se carregar por Nossa Senhora. Ou seja, fazer-se filho!

O filho é aquele que compreende por inteiro sua mãe e sabe discernir as atitudes de alma dela através de simples gestos ou olhares. Porém, quando há uma correspondência de amor perfeita entre mãe e filho, dá-se um convívio ainda mais sublime: ambos passam a ter um só coração. De maneira que, se me pedissem para representar o coração dos celestes personagens do afresco, colocaria apenas um, e não dois corações... Isso é ser filho, e esse é o grau de união com Nossa Senhora a que cada um de nós está chamado.

Mas não é só isso. Ninguém pode ser verdadeiro filho da Santíssima Virgem sem que sua alma tenha alcançado os píncaros da confiança... Quais píncaros são esses? Olhemos mais uma vez a imagem e ali encontraremos a resposta:

esses píncaros são os braços maternos de Maria! Quem não tiver a confiança de chegar até Ela e lançar-se em seus braços, não pode ser chamado seu filho.

Por isso, ao encerrar este sucinto relato sobre meu relacionamento com a Mãe do Bom Conselho de Genazzano, dirijo-me a Ela em espírito para pedir-Lhe: “Minha Mãe, pensai em mim e estreitai-me em vossos braços maternos, pois somente neles eu aprenderei as maravilhas do vosso amor!” ✠

Extraído, com adaptações, de:
Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens.

São Paulo: Arautos do Evangelho, 2019, v.I, p.98-151

¹ Cf. DILLON, George Francis. *The Virgin Mother of Good Counsel*. London: Granville Mansions, 1884, p.93-102.

² CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Mãe do Bom Conselho*. 3.ed. São Paulo: Lumen Sapientiae, 2016, p.26-29.

³ Mons. João, falecido no ano de 2024, escreveu este texto em 2019.

A Conselheira admirável

O pequeno afresco de “Mater Boni Consilii” torna-se grande pela sua história: uma origem misteriosa, milagres extraordinários, vitórias prodigiosas... uma conjectura sobre o futuro.

✎ Artur Pereira de Moraes



Estamos em Genazzano. Situada em uma colina do Lácio, a cidade nos encanta por sua arquitetura medieval, suas ruelas tortuosas, suas casas que ao longo dos anos foram – para espanto dos engenheiros – amontoando cômodos e andares. Cada ângulo parece ter sido artisticamente planejado: aqui uma viela que se torna a escada de uma casa, ali uma “avenida” onde conversam três amigos, gerando trânsito excessivo...

Mas, para a Europa, o que é Genazzano? O que é Genazzano em comparação com Veneza, cidade onde o céu e as águas se osculam? O que é Genazzano em comparação com Paris, na qual disputam em beleza maravilhas como Notre-Dame ou a Sainte-Chapelle? Um simples vilarejo, como muitos outros.

Entretanto, foi a esse ignoto recanto que o Papa Leão XIV quis fazer sua primeira visita enquanto Pontífice. O que o atraiu até lá? Um singelo afresco da Santíssima Virgem, já marcado pelo

tempo e situado numa capela lateral de certo santuário. Ora, o que há de tão especial em tal quadro?

Em Scutari, as primeiras batalhas

As primeiras notícias dessa devoção provêm de Scutari, pequena cidade situada nas colinas albanesas.¹ Narra uma antiquíssima tradição que em meados do século XIII um afresco de Nossa Senhora, com traços finos e maternos, apareceu ali misteriosamente, trazida do Oriente por mãos angélicas na mesma ocasião em que a Santa Casa de Nazaré foi transladada para Loreto.

No local se construiu um santuário, que rapidamente tornou-se o maior centro de peregrinação do país. Numerosos albaneses iam diariamente aos pés de sua padroeira² – Nossa Senhora de Scutari ou da Anunciação, como era chamada – para pedir ou agradecer favores. Quando, porém, em 1423 a cidade foi tomada pelos turcos do sultão Amurath II, uma nova prece acrescentou-se

aos pedidos dos peregrinos: a libertação do jugo que os oprimia.

Quis Nossa Senhora provar a perseverança de seus filhos por duas décadas, até que, em 1443, suscitou um libertador para a nação: Jorge Castriota, conhecido como Scanderbeg,³ príncipe albanês sequestrado no ataque de 1423 e feito janízaro⁴ à força, que se aproveitou da invasão planejada à Hungria para retornar, com mais trezentos católicos – também janízaros involuntários – às fileiras cristãs.

Lutando sob o estandarte da cruz, rapidamente reconquistou o território que lhe pertencia por herança, e a Albânia, livre da opressão turca, pôde no dia 13 de novembro de 1443 escutar os sinos das igrejas romperem sua longa mudez. Seguiram-se vinte e quatro anos de duras vitórias até que, em janeiro de 1467, depois de ter combatido pela última vez nesta terra contra os inimigos de Cristo, Scanderbeg, espada e escudo da Cristandade,⁵ dormiu o sono dos justos.

Genazzano, simples vilarejo situado em uma colina do Lácio, abriga um singelo afresco da Santíssima Virgem cuja história se perde nas brumas do tempo

Vista de Genazzano (Itália)



Uma longa travessia

Pouco tempo após a morte do valeroso príncipe, a Fé entrou em agonia. Os costumes se degradaram; o cisma trilhou seu caminho na Albânia, inclusive em Scutari, onde não mais se encontravam flores ornando o altar da padroeira, nem fiéis rezando a seus pés como outrora. Ademais, a ameaça de uma nova dominação turca pairava sobre o povo.

Nesse contexto, De Sclavis e Georgio, dois soldados de Scanderbeg, se encontravam diante de um terrível dilema: fugir do país e abandonar sua padroeira ou cair em mãos maometanas. Atormentados por essa dúvida, acorreram à presença da santa imagem e pediram uma solução.

Naquela mesma noite, enquanto dormia, Georgio sonhou com a Mãe de Deus: Ela lhe ordenava que se preparasse para acompanhá-la numa longa viagem. Despertando no dia seguinte, apressou-se em contar o ocorrido a seu companheiro, recebendo dele um relato semelhante.

Tomados de indizível alegria, ambos se dirigiram ao santuário para agradecer à sua Senhora e eis que, enquanto rezavam, o afresco se desprende suavemente da parede e, envolto por uma nuvem alva e luminosa, começou a deslocar-se para fora da igreja. Os soldados acompanharam-no por trinta quilômetros até as margens do Adriático. Tendo a imagem prosseguido caminho pelo mar, perceberam, estupefatos, que a água ficava sólida sob seus pés. Assim, percorreram – não se sabe em quanto tempo – os mais de quinhentos quilômetros que separam Scutari de Roma, sem sofrer sede, fome, calor, frio ou cansaço.

Chegando às portas da Cidade Eterna, o afresco desapareceu, deixando os dois estrangeiros aflitos, pensando tratar-se de um castigo devido a alguma falta. Mais tarde, eles o reencontrariam num pequeno vilarejo próximo a Roma.



Gustavo Krell

O afresco miraculoso de Scutari abandonou a Albânia e escolheu Genazzano como seu novo feudo

Chegada do afresco na cidade - Santuário da Mãe do Bom Conselho, Genazzano (Itália)

Em Genazzano, prepara-se o trono da Rainha

Enquanto isso, na pequena cidade de Genazzano, separada de Roma por pouco menos de cinquenta quilômetros, vivia Petruccia Nocera, viúva e terciária agostiniana muito devota da Mãe do Bom Conselho.⁶ Aflita diante do desolador estado em que se encontrava a Cristandade – a Europa amolecida pelo Humanismo, a chama do ideal de cruzada extinta pela sensualidade nas almas dos príncipes católicos e os costumes corrompidos –, suplicava constantemente aos Céus por uma intervenção divina.

Certo dia, recebeu ela uma magnífica revelação: Maria Santíssima, no afresco miraculoso de Scutari, abandonaria a Albânia e escolheria Genazzano como seu novo feudo. Quanto a ela, Petruccia, deveria reconstruir o antigo templo dedicado à invocação de Mãe do Bom Conselho para abrigar a santa imagem. A devota viúva rapidamente se pôs a trabalhar. Empregou os poucos meios que

possuía, entregando inclusive sua própria casa para cumprir o celeste encargo.

Quando, porém, as paredes da Capela de São Brás, a primeira a ser reconstruída, atingiam apenas um metro de altura, o dinheiro acabou e as obras foram interrompidas. Petruccia, já com oitenta anos, logo se tornou alvo de desprezo e zombaria por parte dos outros moradores do vilarejo, que ironicamente aplicavam-lhe a passagem da Escritura: “Começou a construir e não pôde terminar” (Lc 14, 30). Mas a Consoladora dos Aflitos não tardaria em socorrer sua serva fiel.

Uma visita inesperada

No dia 25 de abril de 1467, Genazzano estava em festa. Reunira-se ali uma feira municipal por ocasião da solenidade do padroeiro da cidade, São Marcos. A vivacidade típica do povo italiano pintava uma cena tão rica que dificilmente um artista poderia plasmá-la com exatidão, sem perder vários de seus aspectos...



Todavia, em meio às músicas populares, às animadas conversas, ao rebuliço das crianças que brincavam e às vozes dos vendedores, uma visão inesperada encheu a todos de estupor. O silêncio se fez, e uma nuvem luminosa baixou lentamente sobre uma das paredes inacabadas da pequenina Capela de São Brás.

Para aumento da surpresa geral, eis que começaram a repicar miraculosamente os sinos de todas as igrejas de Genazzano. A população rapidamente apinhou-se no recinto e, tendo os raios de luz diminuído sua intensidade, pôde contemplar um bellissimo afresco da Santíssima Virgem com o Menino Jesus nos braços. Durante aquela noite, a multidão permaneceu ali, de joelhos, em preitos de amor e gratidão.

A notícia logo se espalhou, e numerosos peregrinos de todas as partes começaram a visitar o santo afresco, pedindo graças, agradecendo favores e deixando doações para a reforma do templo, que logo foi retomada e concluída. Tal era o caudal de milagres operados por intercessão da Santíssima Virgem que, só nos primeiros 110 dias, registraram-se 167, dentre os quais alguns chamam especial atenção.

Mortos ressuscitam

Antonietto de Castelnuovo tinha um servo fiel, Constantino de Carolis, a quem muito estimava. Este fora acometido por uma grave doença e, após receber os Sacramentos, entregou sua alma a Deus.

Seu senhor, abalado pela perda de tão estimado servidor, prostrou-se ao lado do cadáver e prometeu que, se Nossa Senhora lhe restituísse a vida, o levaria até o altar de Genazzano para agradecer-Lhe. Prece ousada, sem dúvida, mas que a Virgem recebeu com agrado. Para espanto de todos os circunstantes, o servo abriu os olhos e sentou-se, pedindo algo para comer.

Ao ser informado sobre a promessa feita por seu senhor à Mãe de Deus, o ressuscitado pôs-se a caminho para, junto dele, agradecer aos pés do sagrado afresco tão portentoso milagre.

Os demônios fogem

Todavia, mais do que pela saúde do corpo, zela Maria Santíssima pela saúde da alma de seus filhos. Nesse sentido, são numerosos os relatos de miraculosas curas de uma das mais terríveis enfermidades espirituais: a possessão diabólica.

Um dos casos se deu com Niccola Greco, o qual, após tomar um licor enfeitiçado, foi aprisionado por um demônio que o fazia delirar de cólera, chegando a, por vezes, correr de um lado para o outro com uma espada desembainhada.

Seus pais, desconcertados, ouviram os relatos de alguns milagres operados pela imagem de Genazzano e decidiram levar seu pobre filho endemoniado até lá. Logo que o jovem foi introduzido na capela, o espírito maligno o abandonou e ele recuperou a saúde e a paz perdidas havia tanto tempo.

Incrédulos recuperam a fé

Houve também outra terrível doença espiritual, desta vez culposa, que encontrou milagrosa cura diante da Mãe do Bom Conselho: a incredulidade.

Para o ímpio Antonio Cerroni, habitante de Pisciano, os maravilhosos prodígios operados pelo santo afresco não passavam de uma ridícula fantasia forjada por religiosos. Por isso, ria e zombava da nova devoção que, com o passar do tempo, difundia-se mais e mais.

Certo dia, teve ele de viajar a Genazzano para resolver alguns negócios. Movido por curiosidade, decidiu visitar o templo onde os supostos milagres aconteciam. Entretanto, isso não lhe foi possível pois, mal cruzara os umbrais do santuário, caiu por terra com os membros paralisados.

Percebendo ser aquilo um castigo por sua ostensiva impiedade, formulou entre lágrimas um pedido de misericórdia, confessando publicamente seu pecado. Ao terminar a súplica, recobrou os movimentos, conseguindo dirigir-se até a capela, onde apresentou-se diante d'Aquela que acabava de lhe conceder

a mobilidade do corpo e, sobretudo, o inapreciável dom da fé.

Mãe e Protetora da Cristandade

Se Nossa Senhora do Bom Conselho sempre se mostrou solícita em auxiliar cada um de seus devotos em particular, não dedicou menos atenções à Santa Igreja em seu conjunto.

Em pleno século XVI, por misericórdia de Deus um Santo foi elevado ao Trono de Pedro: São Pio V, ardente devoto da Mãe do Bom Conselho. “Devorado de zelo pelo Senhor” (I Rs 19, 10), percebeu ele ser urgente reunir as nações católicas em um ataque contra o Islã, que ameaçava a Cristandade tanto por terra quanto por mar. No entanto, a maior parte dos monarcas católicos, muito ocupados em interesses temporais, não compartilhavam da mesma convicção.

Diante de tamanha dificuldade, o Sumo Pontífice resolveu recorrer à sua incomparável Conselheira. Depois de muitas orações e inúmeros esforços, logrou coligar Espanha, Veneza, Gênova e, é claro, os Estados Pontifícios, sob o comando do jovem Dom João d'Áustria e seu lugar-tenente, Marco Antonio Colonna, príncipe genazzanense e grande devoto de *Mater Boni Consilii*.

Sob a devoção do Santo Rosário, os católicos alcançaram a vitória na célebre Batalha de Lepanto, a 7 de outubro de 1571, evitando assim que a Europa e, conseqüentemente, a recém-descoberta América, caíssem sob domínio muçulmano. Como agradecimento pelo auxílio, Marco Antonio e outros combatentes locais trouxeram seus troféus de guerra e os depositaram na Capela da Mãe do Bom Conselho. Esses adornos bélicos permaneceram ali até a Revolução Francesa.

O Cerco de Viena

Derrotados por mar, continuaram os turcos a avançar por terra. Uma vez mais, o maior desafio dos cristãos consistia em reunir combatentes para



Arquivo Revista

afrontar o poderio otomano. Foi então que, em 17 de novembro de 1682, o Beato Inocêncio XI decidiu coroar com ouro e pedras preciosas a fronte da Mãe do Bom Conselho, implorando aos Céus a união dos católicos para combater os inimigos da Cristandade.

Menos de um ano depois, Leopoldo I, imperador da Áustria, e João Sobieski, rei da Polônia, uniram esforços e, em 12 de setembro de 1683, travaram combate contra os maometanos que cercavam Viena, alcançando mais uma milagrosa vitória, também sob a proteção de Nossa Senhora do Bom Conselho, cuja cópia era venerada em uma das igrejas da capital imperial.

A respeito desses dois grandes acontecimentos da História da Igreja,

comenta Mons. João: “Lepanto e Viena. Eis duas das mais significativas batalhas em que o futuro da Cristandade esteve em jogo. Tanto em Lepanto quanto em Viena, a proteção celestial de Nossa Senhora do Bom Conselho se fez sentir. Esta é mesmo uma das características das intervenções operadas pela santa imagem de Genazzano: ela não só dissipa as angústias e remove as dificuldades que afligem individualmente a todos os homens, como também os protege quando, constituindo um conjunto, veem-se ameaçados de destruição. A esses dois exemplos históricos, bem pode ser aplicada a estrofe do hino das Congregações Marianas: ‘De mil soldados não teme a espada quem pugna à sombra da Imaculada’”.⁷

mostram que os albaneses, desde a aparição milagrosa, já consideravam Nossa Senhora do Bom Conselho sua padroeira (cf. CLÁ DIAS, op. cit., p.83).

³ Por sua bravura, recebeu o apelido de Alexandre e, sendo príncipe, chamavam-no de “Alexandre, o Príncipe”,

Iskander Bey em turco e alterado para Scanderbeg pelos albaneses.

⁴ Corpo de elite maometano, constituído por cristãos pervertidos ao islamismo na infância ou juventude.

⁵ Cf. PASTOR, Ludwig von. *História de los Papas. Desde*

fines de la Edad Media. Barcelona: Gustavo Gili, 1910, v.IV/2, p.84.

⁶ Desde o século IV, venerava-se em Genazzano um baixo-relevo de mármore em honra à Senhora do Bom Conselho.

⁷ CLÁ DIAS, op. cit., p.213.

A Mãe do Bom Conselho não só dissipa as angústias e dificuldades que afligem os homens individualmente, como também os protege quando, constituindo um conjunto, veem-se ameaçados de destruição

Em destaque, Nossa Senhora do Bom Conselho. Ao fundo, capela onde se encontra o milagroso afresco da Virgem, no santuário a Ela dedicado em Genazzano (Itália)

Gustavo Kraij

A História se repete?

Analisando um pouco a história de *Mater Boni Consilii*, percebemos uma constante que se manifesta desde as heroicas conquistas de Scanderbeg até as miraculosas vitórias em Lepanto e Viena: um mundo enfraquecido por uma crise espiritual e ameaçado por inimigos; um punhado – ou às vezes uma única alma – que, por permanecer fiel e pedir socorro, torna-se invencível; uma miraculosa intervenção que coroa a perseverança dos bons.

Tudo isso nos vem à mente ao vermos o Papa Leão XIV, felizmente reinante, rezando aos pés do afresco poucos instantes após sua eleição. Uma pergunta se nos apresenta, então, ao espírito: a História se repete? ✚

¹ Os dados históricos do artigo foram extraídos da obra: CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Mãe do Bom Conselho*. 3.ed. São Paulo: Lumen Sapientiae, 2016.

² Apesar de a proclamação oficial ter sido feita somente em 1895, as mais antigas tradições



“Queres um conselho?”

No fundo de nossas almas, Maria parece dizer: “Meu filho, minha filha, confia! Confia em mim e Eu te conduzirei pelo caminho certo!”

✠ Ir. Patricia Victoria Jorge Villegas



Tncontáveis vezes ouvimos nosso saudoso fundador comentar a parábola do filho pródigo, analisando os personagens que compõem o cenário divinamente idealizado por Nosso Senhor Jesus Cristo: o pai, o irmão mais velho, o próprio filho pródigo em suas várias atitudes de alma. Contudo, surpreendeu-nos um dia ouvi-lo comentar uma quarta figura, ausente na parábola, mas provavelmente contemplada pelo Salvador: a mãe dos dois jovens.¹

Qual teria sido a atitude dessa mãe ao ver o filho mais novo abandonar a casa paterna e lançar-se no mundo? Antes de tudo, não o deixaria partir... E se porventura o filho conseguisse fugir de casa, a mãe, entristecida pelo afastamento dele, não se contentaria em esperar resignada o seu retorno, mas o procuraria incansavelmente, até trazê-lo de volta.

Essa belíssima cogitação nos ajuda a compreender a época histórica em que vivemos. Com efeito, a humanidade de nossos dias é uma “filha pródiga” de Deus, sobre a qual deverá descer um grande perdão. Entretanto, ela não consegue voltar por si mesma à casa paterna e precisa de uma mãe misericordiosa que a resgate. Onde encontrar essa mãe tão bondosa e afável? Uma resposta segura pode estar no sublime afresco de Nossa Senhora do Bom Conselho.

Analisemos com vagar alguns aspectos desse afresco e vejamos como

ele encerra, em cada detalhe, um sorriso maternal.

Conselho de Maria, conselho de Cristo

A primeira particularidade que merece atenção é o título dado à Santíssima Virgem, invocada na pintura como Aquela que pode nos dar um *bom conselho*.

Ora, como definir o termo *conselho*? Em linhas gerais, trata-se de uma recomendação que visa resolver determinado problema. Por isso, em circunstâncias difíceis, que exigem decisões sérias, nada pode ser mais útil do que receber um bom conselho! Sob esse ponto de vista, não poderia haver ninguém mais fidedigno do que Nossa Senhora para nos aconselhar em qualquer circunstância; afinal, Ela é a Mãe da Sabedoria Encarnada!

Muitas vezes, contemplando o afresco de Genazzano, uma peculiaridade nos passa despercebida: o olhar da Virgem não fita o fiel que se encontra diante d’Ela, como costuma acontecer na maioria das imagens de Nossa Senhora, mas sua cabeça se inclina levemente para o Menino, indicando-nos ser Jesus a fonte de toda a sabedoria haurida por Ela para nos aconselhar. Por essa razão o Divino Infante, apesar de pequeno, é representado com uma fisionomia de quem já alcançou a maturidade.²

Nesse olhar entre Mãe e Filho, ademais, manifesta-se a união de vontades entre ambos, de maneira que Maria nos

transmite o que Jesus deseja, guiando-nos pelos caminhos que a vontade divina idealizou para nossas vidas. Logo, os conselhos d’Ela gozam da exatidão e infalibilidade das próprias palavras de seu Divino Menino.

Por outro lado, o gesto filial do Infante ao abraçar sua Mãe Santíssima dá-nos o exemplo da intimidade com que devemos recorrer a Maria, que é também Mãe nossa, e da disposição de alma necessária para receber seus conselhos. Segundo considera Dr. Plínio Corrêa de Oliveira,³ ao agarrar com os dedinhos o pescoço de Nossa Senhora o Menino Jesus não quer apenas segurar-Se, mas também virar para Si o rosto d’Ela, como que dizendo: “Mamãe, olha para Mim!” É a oração perfeita de um bom filho!

Olhar incomparável

Em sua vida terrena, Nossa Senhora teve em grau eminente o dom de transmitir àqueles que se aproximavam d’Ela as virtudes que transbordavam de sua alma.⁴ Com efeito, é próprio da virtude perfeita não ser praticada apenas individualmente, mas “contagiar” outras almas.

Podemos imaginar, por exemplo, quando Ela Se encontrou com Maria Madalena ainda pecadora e, por primeira vez, seus olhares se cruzaram. O que terá se passado naquela pobre alma em tão augusto momento? Mistérios da graça... Entretanto, é possível cogitar que a pureza de Nossa Senhora, como um manto alvíssimo, cobriu seu coração

empedernido e, da lama de sua devassidão, começou a brotar o lírio da virgindade que lhe seria em breve restaurada!

Algo análogo Nossa Senhora continua a operar através de seu afresco. Quantas e quantas vezes as almas se desesperam ante suas misérias e faltas, e não sabem a quem recorrer para abandonar o vício... Elas não têm forças para declinar seus erros e receber o perdão de Deus. O que fazer? Simplesmente, recorrer à Mãe do Bom Conselho. Nem sempre Ela profere palavras, mas fala claramente por ação da graça divina, mais valiosa do que todos os discursos! Basta fixar o afresco para que a inocência perdida comece a ser restaurada. Em seguida, Nossa Senhora fortalece a alma a fim de que busque um sacerdote e receba, no Sacramento da Confissão, a consumação da obra de misericórdia iniciada por seu puríssimo olhar.

Comunicação que transcende a palavra

Enquanto os meigos olhos de Maria, de traços levemente orientais tão belamente representados no afresco, acentuam ainda mais sua maternalidade e seu afeto, os lábios, que esboçam um sorriso discreto, revelam a seriedade habitual de quem tem a alma em paz, sempre pronta para o encontro com Deus. “Em tudo era Maria grave e circunspecta, nunca rindo, falando pouco, dizendo somente o necessário, escutando facilmente, sempre afável com todo o mundo”,⁵ narra um antigo retrato da Santíssima Virgem.

Decerto, quando caminhava pelas estradas de Nazaré, Maria cumprimentava com afabilidade seus vizinhos e conhecidos, e quicá alguns agraciados transeuntes. Também aos Apóstolos, posteriormente, Ela favoreceu com incontáveis sorrisos, que acompanhavam suas palavras e conselhos. E tudo isso, que não ficou registrado nos Evangelhos, transmite-nos o afresco de Genazzano em suas inefáveis “mudanças de fisionomia”. Nossa Senhora do Bom Conselho age assim: pelos



Nossa Senhora do Bom Conselho age assim: pelos imponderáveis de seu rosto, penetra aos poucos em nossa alma até embalsamá-la por completo

Mons. João e seus filhos espirituais visitam o sagrado afresco em março de 2006

imponderáveis de seu rosto, penetra aos poucos em nossa alma até embalsamá-la por completo, operando uma misteriosa conversão. Ela parece estar viva diante de nossos olhos, e sua voz suave, serena e maternal sussurra no fundo de nossos corações aquela sublime recomendação, sempre adequada à necessidade humana, que indica um rumo infalível: “Confiança!”

Nossa Senhora restaurará a humanidade!

“O que me aconteceu?”, perguntava-se Joris-Karl Huysmans, conhecido literato francês, quando se viu convertido à Religião Católica por uma graça misteriosa. Como foi possível que, afundada no abismo do vício e do pecado, sua alma desejasse mudar e trilhar o caminho da penitência e da santidade? Não encontrando resposta no mundo para tal indagação, ele reconheceu: “É a Virgem quem atua nestes casos sobre nós; é Ela quem nos amolga e coloca nas mãos do Filho, mas os seus dedos são tão tênues, tão fluidos e carinhosos que a alma, que eles têm empoado, nada sente”.⁶

Pois bem, tal como se passou com Huysmans, e como se passa no interior de cada um de nós, Nossa Senhora um dia haverá de intervir na História, restaurando na humanidade a vida da graça e derramando sobre todo o criado a plenitude dos efeitos da Redenção. Aconteça o que acontecer, olhemos para o afresco da Mãe do Bom Conselho, que nos dirá: “Meu filho, minha filha, confie! E Eu te conduzirei pelo caminho certo!” ✨

¹ Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Homilia*. Mairiporã, 18/3/2007.

² Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 22/8/1988.

³ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 8/10/1971.

⁴ Nesse sentido, São Tomás de Aquino afirma que a Santíssima Virgem superou os Anjos em pureza, pois Ela não somente foi pura, mas alcançou a pureza para outros (cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *In salutationem angelicam expositio*, n.1120).

⁵ LE MULIER, Henri. *Vie de la Très-Sainte Vierge*. Paris: Abel Pilon, 1859, t.I, p.372.

⁶ HUYSMANS, Joris-Karl. *A caminho*. Povo de Varzim: Povoense, 1902, p.35.



O dom da “aventura”

A pessoa que age sob influxo do dom de conselho julga instantânea e infalivelmente sobre a melhor maneira de proceder. Muitas vezes, porém, o meio encontrado foge aos padrões humanos, porque os dons operam ao modo divino.



✠ João Domingos Rodrigues Palhares

Saladino, um dos líderes mais poderosos do século XII, sai do Egito rumo a Jerusalém, à testa de vinte e seis mil cavaleiros de elite. A Cidade Santa tem como único socorro um rei leproso de apenas dezesseis anos, Balduino IV, o qual convoca todas as forças do reino: não passam de quatrocentos cavaleiros, a maioria de segundo escalão... Do alto do Monte Gisardo, o jovem soberano contempla a horda invasora e percebe que, para cada soldado seu, há setenta egípcios. Ele toma a iniciativa. Ataca!

Impulsividade?

* * *

Joana d’Arc, a donzela que comanda todos os exércitos da França na Guerra dos Cem Anos, é julgada por pretensas revelações e supostos milagres. Os juízes acusam-na de bruxaria e a põem à prova com uma pergunta que quase induz a uma resposta comprometedora: “Estás em estado de graça?” Se nega estar, seus prodígios não poderiam ser obras de Deus; se afirma estar, confessaria ser uma orgulhosa, indigna de receber o apoio do Céu. Joana, porém, dá de imediato uma réplica que se tornaria marco para a Teologia Moral quanto à consciência pessoal do estado de graça.

Precipitação?

* * *

Alguns monges sobem num bote, liderados por São Brandão, o Navegador.

As brumas irlandesas do século VI os envolvem. Sobre essa nave frágil, lançam-se nos imprevistos do oceano, sem mapa, sem bússola, sem outros instrumentos que a salmodia contínua, o crucifixo e o desejo de evangelizar as terras a ocidente do Atlântico. Entretanto, sequer sabem se essas terras existem mesmo...

Imprudência?

* * *

Nem impulsividade, nem precipitação, nem imprudência. Na verdade, caro leitor, trata-se de três golpes de prudência, e na sua mais perfeita e audaciosa fisionomia, que é o dom de conselho. Sim, pois esse dom não consiste tanto em dar bons conselhos, quanto em ser impelido por irresistíveis sopros do Espírito Santo.

Os sete dons

Sete são os dons do Paráclito: sabedoria, entendimento, ciência, conselho, fortaleza, piedade e temor de Deus. Tais favores divinos se definem como “hábitos operativos sobrenaturais infundidos por Deus nas potências da alma, a fim de receber e seguir com facilidade as moções do próprio Espírito Santo ao modo divino ou sobrenatural”.¹

São muitas informações... Analisemo-nas por partes, ressaltando as expressões mais relevantes.

Trata-se de *hábitos operativos*, ou seja, qualidades que dispõem a alma para seguir as moções do Espírito Santo

com facilidade, prontidão e deleite, como algo inteiramente conatural.

Mas o que distingue os dons das virtudes, uma vez que ambos são hábitos operativos bons? A principal diferença está na maneira como atuam: as virtudes são exercitadas *ao modo humano*, tendo o homem por motor e a razão iluminada pela fé como regra; já os dons são postos em prática *ao modo divino ou sobrenatural*, tendo o Espírito Santo por causa motora e norma. Os dons são, pois, um aperfeiçoamento das virtudes.

A fé, enquanto virtude sobrenatural, faz-nos crer na Trindade. Mas o dom de ciência, que aprimora a fé, levava Santo Agostinho, por exemplo, a ver nas criaturas imagens da Trindade; é uma superexcelência da fé! Sob influxo das virtudes, agimos de forma discursiva; sob os dons, por um instinto sobrenatural.²

O dom de conselho

Cada dom do Paráclito está ligado estreitamente a uma das sete principais virtudes: as três teologais – fé, esperança e caridade – e as quatro cardeais – prudência, justiça, fortaleza e temperança.

O dom de conselho, a respeito do qual tratamos nestas linhas, está unido à virtude da prudência. Esta é, segundo a definição de Aristóteles retomada por São Tomás de Aquino, “a reta razão

no agir”;³ ou seja, a virtude que leva a *escolher os meios particulares adequados para atingir o fim*. Por ela julgamos se um ato específico é lícito ou não, se é conveniente, útil, comedido...

É prudente o médico que resolve usar o bisturi, bem como o enfermeiro que se decide por um tratamento medicamentoso, desde que esses meios se conformem à cura do paciente. Já no âmbito sobrenatural, o homem que rompe com uma amizade que o leva ao pecado faz um ato de prudência tão belo quanto o sacerdote que trata com mansidão o pecador arrependido. Tudo se cifra – repetimos – em pavimentar o caminho rumo à reta finalidade, com os meios lícitos e adequados.

Essa virtude, que se eleva acima da natureza quando o fim é sobrenatural – como a glória de Deus e o bem das almas –, é a que mais tem feições humanas. Quando, porém, une-se ao dom de conselho, toma ares surpreendentes, quase até de aparente imprudência: deixa de ser praticada ao modo humano para sê-lo ao modo divino.

A pessoa que, em estado de graça, encontra-se sob o influxo desse dom “julga retamente, nos casos particulares, o que convém fazer em ordem ao fim sobrenatural”;⁴ de forma instantânea e infalível. Ou seja, à vista dos maiores imprevistos e dos dilemas mais complexos, é guiada por uma certeza inexplicável.

Em circunstâncias intrincadas, como conciliar a suavidade com a firmeza? Como guardar um segredo sem faltar à verdade? Como conjugar a vida interior com o apostolado, ou o carinho afetoso com a castidade mais requintada? Pelo dom de conselho.

Orientados por esse dom agiram os três protagonistas dos episódios

narrados na introdução. Balduíno IV dispersou os vinte e seis mil homens de Saladino com seus quatrocentos cavaleiros, dos quais perdeu apenas cinco. Santa Joana d’Arc, iletrada, respondeu como doutora à manhosa pergunta: “Se estou em estado de graça, peço a Deus que me conserve; se não, peço-Lhe que mo conceda”. Os monges irlandeses alcançaram a Islândia, a Groenlândia e possivelmente a América.

Essa dádiva do Paráclito é, com efeito, o dom concedido para as santas “aventuras” e que leva os fiéis a sempre maiores “cristãos atrevimentos”.⁵

A Padroeira do Bom Conselho

Nunca na História os católicos viveram momentos de tanta “aventura” quanto hoje: a cada esquina, surpreendem-nos perigos inopinados, sugestões malévolas, perseguições, ciladas do demônio e de seus asseclas. Nunca, portanto, necessitamos tanto da intercessão da Mãe do Bom Conselho.

Como não supor que Ela seja a padroeira das grandes e santas “aventuras”? Ela, que guiou os dois soldados albaneses sobre as águas do Mar Adriático,⁶ também nos conduzirá, pelo dom de conselho de seu Divino Esposo, ao triunfo sobre todas as dificuldades. Seguindo a Senhora do Bom Conselho, a Barca de Pedro atravessará incólume todo e qualquer oceano. ✠

O dom de conselho é uma dádiva do Paráclito que leva os fiéis a sempre maiores “cristãos atrevimentos”

De cima para baixo: Balduíno IV de Jerusalém na Batalha de Monte Gisardo, por Charles-Philippe Larivière - Palácio de Versailles (França); interrogatório de Santa Joana d’Arc, por Paul Delaroche - Museu de Belas Artes, Rouen (França); viagem de São Brandão - Biblioteca Universitária de Heidelberg (Alemanha)



Fotos: Reprodução

¹ ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Somos hijos de Dios*. Madrid: BAC, 1977, p.37.

² Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I-II, q.68, a.1, ad 4.

³ Idem, II-II, q.47, a.2.

⁴ ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Teología de la perfección cristiana*. 6.ed. Madrid: BAC, 1988, p.547.

⁵ CAMÕES, Luís Vaz de. Os Lusíadas. Canto VII, 14. In: *Obras Completas*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1874, t.III, p.239.

⁶ Ver artigo *A Conselheira admirável*, nesta edição.

Mãe e Conselheira dos Papas

Apesar de pouco conhecida em nossos dias, a invocação de Nossa Senhora do Bom Conselho foi apreciada por numerosos Pontífices e teve papel decisivo nos rumos de diversos acontecimentos históricos.

✚ Gabriela Cifuentes Forero



Dez de maio de 2025. Em frente ao Santuário de Nossa Senhora do Bom Conselho em Genazzano, Itália, uma profusão de fiéis se comprimia para assistir, como-vida, a chegada do recém-eleito Pontífice Leão XIV, que almejava visitar o miraculoso afresco de Maria. “Desejei muito vir aqui nestes primeiros dias do novo ministério que a Igreja me confiou, para levar adiante a missão como Sucessor de Pedro”,¹ afirmou ele aos presentes, após o período passado em oração e recolhimento ante a sagrada imagem.

Com essa consagração de seu pontificado, o Santo Padre mostrou desde logo ao mundo sua especial devoção a Maria sob o título de Mãe do Bom Conselho. Esta invocação tornou-se muito cara à Ordem de Santo Agostinho a partir do século XV, quando “Nossa Senhora, que estava em Scutari, na Albânia, veio daquele longínquo país até Genazzano [...]; e pela sua vontade, livremente, entregou-Se e confiou-Se na sua santa imagem às mãos dos agostinianos”.² Contudo, podemos conjecturar que, além desse augusto motivo, outra razão tenha atraído o Santo Padre aos pés da Virgem de Genazzano.

Própria a aconselhar e guiar as almas no cumprimento da vontade de Deus, *Mater Boni Consilii* não poderia deixar de ser a padroeira perfeita dos guias da Barca de Pedro em meio às tempestades do mundo. Quem mais necessitado da proteção, auxílio e direção do que a Cabeça visível da Igreja? Quem mais interessado em obter de Deus a luz da sabedoria?

Uma das provas dessa realidade é que tal devoção, embora pouco conhecida em nossos dias, foi muito apreciada por numerosos Pontífices ao longo da História e teve, diversas vezes, um papel decisivo nos rumos da Cristandade.

Primeiras honras à invocação

Tendo o Papa Paulo II (1464-1471) examinado os fatos referentes à chegada milagrosa do afresco a Genazzano em 1467, e concedido o aval oficial da Santa Sé para essa devoção, *Mater Boni Consilii* passou a atuar no coração da Igreja. Sabe-se, por exemplo, que Sisto IV (1471-1484) era muito devoto d’Ela.

Ao final do século XV, Alexandre VI (1492-1503) concedeu especiais indulgências às almas do Purgatório a cada Eucaristia celebrada na Capela da Mãe

do Bom Conselho. Mais tarde Gregório XIII (1572-1585) determinou, ademais, que o altar do santuário se tornasse *altar privilegiado*³ para Missas em todos os dias do ano e para todo o clero.

Novos privilégios pontifícios

Os pontificados de São Pio V (1566-1572) e Inocêncio XI (1676-1689), durante os quais a ameaça otomana toldeou os horizontes da Cristandade e da Igreja, estariam marcados pela proteção da Rainha do Bom Conselho, como visto em artigo precedente.⁴

A vitória cristã na Batalha de Lepanto e no Cerco de Viena reluziria para sempre no firmamento da História como símbolo da proteção de Maria Santíssima a seus filhos. Solenemente coroada por ordem do Santo Padre em 17 de novembro de 1682 – gesto com o qual se suplicava sua intercessão para a união e mobilização dos soberanos católicos contra os infiéis –, a Virgem de Genazzano não desampararia aqueles que se colocavam sob seu maternal império.

Após tão portentosas manifestações por parte do sagrado afresco, era de se esperar que a Santa Igreja terminasse por honrar ainda mais sua invocação.

Primeiramente, aprovou ao Papa Pio VI (1775-1799) oferecer à Mãe do Bom Conselho um dos mais eminentes privilégios que se pode conceder a uma devoção: em 1777 o Pontífice outorgou aos agostinianos de Genazzano um ofício próprio para a celebração da data de chegada do afresco ao santuário, a ser ali recitado no dia 25 de abril, e por toda a Ordem no dia 26 de abril.⁵ Estava instituída, assim, a primeira comemoração de Nossa Senhora do Bom Conselho, fonte de ainda mais numerosas graças, conselhos valiosos e auxílios infalíveis para todos os devotos marianos.

Também Bento XIV (1740-1758), outro fiel devoto da *Madonna del Buon Consiglio*, concedeu a chancela papal a uma notável associação chamada Pia União de Nossa Senhora do Bom Conselho. Tratava-se de uma liga espiritual de devotos inscritos no livro do santuário, cujo objetivo era honrar todos os dias a invocação com algum ato obsequioso, promover no mundo a devoção a Ela e observar com diligência as inspirações concedidas pelo afresco para evitar o pecado e agradar a Deus. Ao aprovar a associação, quis o próprio Pontífice inscrever-se nela como o primeiro membro.⁶

Além de Bento XIV, vários outros Papas se alistaram na pia união, entre

eles o Beato Pio IX (1846-1878) e Leão XIII (1878-1903).

Este último, desejando honrar ainda mais sua Protetora celeste, em 17 de março de 1903 elevou o Santuário de Genazzano à categoria de Basilica Menor; e, para incentivar as almas ao amor pela Mãe do Bom Conselho, no dia 22 de abril do mesmo ano, por um decreto da então Sagrada Congregação dos Ritos, incluiu a invocação *Mater Boni Consilii* na Ladainha Lauretana.⁷

Um presente da Virgem à Santa Igreja

Ainda em 1903, Nossa Senhora, certamente com mais poder de ação sobre os Papas devido aos novos privilégios com que fora honrada, fez sentir mais uma vez a eficácia de seus conselhos, discretos, mas infalíveis, na direção da Nau de Pedro, desta vez durante o decisivo período do conclave que sucedeu à morte de Leão XIII.

Após a primeira sessão na Capela Sistina, celebrada em 3 de agosto do referido ano, o Cardeal Oreglia di Santo Stefano, decano do Sagrado Colégio, dirigiu-se ao secretário do conclave, Dom Rafael Merry del Val, dizendo-lhe seriamente que o número de votos para a eleição do Patriarca de Veneza, o Cardeal Giuseppe

Sarto, só aumentava, mas que este se recusava a aceitar o gravíssimo encargo. Em seguida, rogou-lhe que perguntasse ao Cardeal por última vez se persistia na negativa, para assim eventualmente direcionar os votos a outro candidato.

Dom Merry del Val dirigiu-se então à Capela Paulina, onde encontrou o Cardeal Sarto ajoelhado diante do quadro da Mãe do Bom Conselho. Ao aproximar-se dele e transmitir-lhe a mensagem do decano, notou que lágrimas começaram a correr-lhe pela face... insistindo na recusa ao cargo. Dom Merry del Val, porém, por inspiração divina admoestou-o: “*Eminenza, si faccia coraggio, il Signore l’aiuterà* – Eminência, tende coragem, o Senhor o ajudará”. O Cardeal fixou-o profundamente, agradeceu-lhe e continuou rezando diante da Mãe do Bom Conselho.

Poucas horas depois, ele aceitou finalmente a vontade da Providência e assumiu a Cátedra de Pedro. A Santa Igreja ganhou, assim, um zelosíssimo pastor, um de seus mais valentes batalhadores no conturbado século XX: São Pio X.⁸

Quiçá em memória e gratidão pelas graças recebidas durante aquelas horas



Junto ao quadro da Mãe do Bom Conselho, na Capela Paulina, São Pio X encontrou forças para aceitar o Pontificado

À esquerda, Capela Paulina - Palácio do Vaticano; acima, São Pio X. Na página anterior, Basilica de São Pedro, Vaticano, com a imagem do Pescador



Auxiliadora e conselheira dos Papas, Nossa Senhora de Genazzano está mais do que nunca atenta às necessidades da Igreja e vela com desmedido empenho pelo Sucessor de Pedro

Papa Leão XIV em sua visita a Genazzano, no dia 10 de maio de 2025

de angústia passadas na Capela Paulina, São Pio X (1903-1914) manteve em sua escrivaninha, durante todo o tempo de seu sofrido e benéfico pontificado, uma imagem da Mãe do Bom Conselho.

A devoção papal chega a nossos dias

Mais recentemente, o Papa João Paulo II (1978-2005) aconselhou a devoção à Virgem de Genazzano quando, em uma de suas primeiras audiências gerais, a 25 de outubro de 1978, explicava a

necessidade da virtude da prudência: “Que há de fazer então o novo Papa a fim de proceder prudentemente? [...] Deve orar e fazer o possível por ter aquele dom do Espírito Santo que se chama dom de conselho. E todos quantos desejam que o novo Papa seja Pastor prudente da Igreja, peçam para Ele o dom de conselho. E para si mesmos, peçam também este dom, por meio da especial intercessão da Mãe do Bom Conselho”.⁹

Já em abril de 1993, o Pontífice visitou o famoso Santuário de Genazzano, a

fim de impetrar graças especiais para a viagem apostólica que faria à Albânia no dia 25 do mesmo mês.¹⁰

Seu sucessor, Bento XVI (2005-2013), inaugurou um mosaico da Virgem do Bom Conselho nos jardins do Vaticano, em 11 de julho de 2009. Honraram o ato com sua presença diversas autoridades, entre elas o Secretário do Papa, Mons. Georg Gänswein, e o Prior da Ordem de Santo Agostinho, Pe. Robert Francis Prevost – o futuro Papa Leão XIV.¹¹ Bento XVI abençoou o mosaico com a intenção de que muitos ali rezassem e rendessem louvor à milagrosa invocação.

Maria guiará, pelos Papas, os rumos da História

Auxiliadora e conselheira dos Papas, Nossa Senhora de Genazzano soube sempre cumprir com perfeição, ao longo da História, seu papel de Mãe da Igreja, guiando-a incólume em meio às mais variadas dificuldades e ataques infernais.

Nestes tempos, marcados por crises de toda ordem, é certíssimo que Ela está mais do que nunca atenta às necessidades do Corpo Místico de Cristo e vela com desmedido empenho pelo Sucessor de Pedro.

Cabe a Leão XIV, sob a proteção inefável da Mãe do Bom Conselho, a quem dedica especial devoção, guiar a nau da Igreja para o porto da salvação, sem temor diante das tormentas, à imitação de seus ilustres predecessores. ✦

¹ VATICAN NEWS. *Papa Leão XIV visita o Santuário de Nossa Senhora do Bom Conselho*. In: www.vatican-news.va.

² DE ORGIO, Angelo Maria apud CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *Mãe do Bom Conselho*. 3.ed. São Paulo: Lumen Sapientiae, 2016, p.293.

³ Pela Missa celebrada num altar privilegiado é concedida

indulgência plenária em favor do defunto pelo qual se oferece o Santo Sacrifício, caso ele tenha falecido em estado de graça.

⁴ *A Conselheira admirável*, nesta edição.

⁵ Cf. DILLON, George F. *The Virgin Mother of Good Counsel*. Rome: Sacred Congregation of the Propaganda Fidei, 1884, p.421.

⁶ Cf. CLÁ DIAS, op. cit., p.275.

⁷ Cf. LEÃO XIII. *Ex quo Beatissima Virgo Maria*: ASS 35 (1902-1903), 627.

⁸ Cf. MERRY DEL VAL, Rafael. *El Papa San Pio X: Memorias*. 2.ed. Madrid: Atenas, 1954, p.3-7.

⁹ SÃO JOÃO PAULO II. *Audiência geral*, 25/10/1978.

¹⁰ Cf. L'OSSERVATORE ROMANO. *Papi e santi pellegrini al santuario agostiniano*. In: www.osservatoreromano.va.

¹¹ Cf. VALIANTE, Francesco M. *Nei Giardini Vaticani un mosaico della Madonna del Buon Consiglio*. In: www.madredelbuonconsiglio.it.



Aliança entre conselho e misericórdia

São Tomás de Aquino estabelece uma interessante relação entre o dom de conselho e a quinta bem-aventurança: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5, 7). Para melhor compreendê-la faz-se necessário, antes de tudo, recordar o papel dos frutos do Espírito Santo e das bem-aventuranças evangélicas na vida espiritual dos batizados, assim como seu significado na Teologia.

Os frutos do Espírito Santo são atos insígnies praticados por uma alma que corresponde fielmente às moções do Paráclito mediante seus dons (cf. *Suma Teológica*. I-II, q.70, a.1). Podem ser comparados aos frutos sazonados de uma árvore e distinguem-se pela grande suavidade e doçura que os acompanham. Em sua Epístola aos Gálatas, São Paulo enumera alguns deles: “O fruto do Espírito é caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura, temperança” (5, 22-23).

Ora, quando os frutos do Espírito Santo se sobressaem por sua perfeição e excelência, recebem o nome de bem-aventuranças evangélicas (cf. *Suma Teológica*. I-II, q.70, a.2). Estas constituem o ponto culminante, na terra, da vida cristã e são, em decorrência das sublimes recompensas a elas vinculadas, já um começo da felicidade eterna. Representam, em certo sentido, uma síntese do Sermão da Montanha, no qual Nosso Senhor Jesus Cristo as reduz a oito (cf. Mt 5, 1-10).

Trata-se, contudo, de um número simbólico, pois todas as obras heroicas dos Santos contam-se entre as bem-aventuranças. São estas atos de virtude perfeita – e, portanto, ações concretas –, diferenciando-se das virtudes e dos dons que, enquanto hábitos operativos,

Ao discorrer sobre a relação entre o dom de conselho e a quinta bem-aventurança, São Tomás se baseia em Santo Agostinho, que afirma: “O conselho é próprio dos misericordiosos, porque o único remédio para livrar-se de tantos males é perdoar e dar aos outros” (*Suma Teológica*. II-II, q.52, a.4). Entretanto, o Doutor Angélico faz algumas ponderações a respeito.

Afirma São Tomás que o dom de conselho dirige todos os nossos atos virtuosos, mas pode-se dizer que o faz de modo especial quando realizamos uma obra de misericórdia, como motivo que a inspira (I-II, q.69, a.3, ad 3).

Com efeito, o dom de conselho se refere propriamente ao que tem mais utilidade em vista de nosso fim último, ou seja, ele nos ajuda a escolher aquilo que nos leva sem desvios ao Céu. Ora, nada nos é mais útil para alcançar a vida eterna do que a misericórdia (cf. II-II, q.52, a.4), no duplo sentido enunciado pela quinta bem-aventurança: pelas obras de misericórdia para com o próximo, obtemos para nós a misericórdia divina.

Explica o Aquinate (cf. *Lectura super Matthæum*, c.5, lect.3) que ser misericordioso significa ter um coração que sofre como próprio o infortúnio alheio, levando-nos a socorrer o próximo em suas necessidades

temporais e, sobretudo, a exortá-lo a abandonar o vício, o pior dos males. Quem assim age obtém para si a misericórdia de Deus já nesta terra, pelo perdão dos pecados e da pena temporal, e especialmente na vida futura. ✠



Nada nos é mais útil para alcançar o Céu, meta para a qual o dom de conselho dirige nossos atos, do que a misericórdia

Filha da Caridade distribui alimento aos necessitados, por Gabriel Puig Roda - Museu de Belas Artes, Castellón (Espanha)

dispoem o homem para produzir atos sobrenaturais (cf. *Suma Teológica*. I-II, q.69, a.1). Assim, elas correspondem aos dons como a operação ao hábito (cf. *Super Sententiis*. L.III, dist.34, q.1, a.4, ad 1).

Francisco Lecaros



Há cento e cinquenta anos, nascia Dona Lucilia

Poucos detalhes temos acerca do nascimento de Dona Lucilia e de sua infância. Eles constituem, porém, valioso testemunho dos primeiros raios que iluminaram esta existência, toda feita de sacrifício e fidelidade.

✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Nascida a 22 de abril de 1876, primeiro sábado após as alegrias da Páscoa, Lucilia era a segunda dos cinco filhos de um casal de primos,¹ Dr. Antônio Ribeiro dos Santos e Da. Gabriela Rodrigues dos Santos. Descendentes de antigas estirpes da aristocracia paulista, Da. Gabriela e Dr. Antônio contavam entre seus ancestrais gloriosos nomes de bandeirantes.

Nossa Senhora foi sua Madrinha

Aos vinte nove dias do mez de junho de mil oitocentos e setenta e seis, nesta matriz, baptizei e puz os santos oleos a Lucilia, nascida a vinte e dois de abril ultimo, filha legitima do doutor Antonio Ribeiro dos Sanctos e de dona Gabriela dos Sanctos Ribeiro: forão padrinhos, a Virgem Senhora da Penha e doutor Olympio Pinheiro de Lemos, todos desta Parochia.

O Vigario: Angelo Alves d'Assumpção.²

Essa é a ata do Batismo de Dona Lucilia, que se encontra no livro de registros paroquiais da matriz da cidade de Pirassununga. Seguindo piedoso costume, seus pais resolveram fazê-la afilhada da própria Rainha dos Céus.

Dona Lucilia conservou, durante sua longa vida, uma devoção toda de afeto e respeito a sua Madrinha, e várias vezes peregrinou ao Santuário

de Nossa Senhora da Penha, em São Paulo, a fim de lhe confiar os segredos de seu terno coração.

A retidão admirativa de uma alma justa

Foi em 1873 que Dr. Antônio se estabeleceu com a família em Pirassununga, a fim de ali exercer a advocacia. Décadas mais tarde, ao contar as recordações de infância, Dona Lucilia ainda deixará transparecer a impressão que lhe causava o grande contraste entre a atmosfera da sociedade paulista e aquele ambiente tão primitivo e campestre, que ia disputando espaço à mata tropical, quase tão inculta como no período em que o Pe. Anchieta percorria as vastidões do Brasil.

O sossego da pequena Pirassununga, a que nos referimos, muito ajudava a jovem Lucilia a observar com atenção e enlevar-se pelos mais velhos. Sua capacidade de admirar os predados alheios tinha origem na virginalidade de alma, que ela soube manter intacta.

Ao contemplar as qualidades dos que compunham seu ambiente, com instintiva naturalidade as mitificava tanto que chegava a afastar suas sempre bem-intencionadas vistas de tudo o que neles pudesse não ser virtude. Os senões que encontrava na conduta

das pessoas, reputava-os exceção. Era como se num belo lenço de seda houvesse pequenos furos. Porém, o resto era seda muito boa...

Infância iluminada pela figura do pai

Dr. Antônio era objeto de seu especial enlevo e veneração. Os desígnios e preferências dele eram lei! No entusiasmo que nutria por seu pai, a menina não procurava tanto as qualidades naturais, mas sobretudo as virtudes. Esses valores que a pequena Lucilia tanto admirava passaram a compor sua própria concepção da existência: a trama da vida deveria ser tecida com os fios de uma superior dedicação.

Por outro lado, começava ela a discernir o rumo que a humanidade em geral ia tomando, e que se opunha frontalmente a esta visão do mundo. Colocada ante essa nova perspectiva, sua alma juvenil foi-se enriquecendo paulatinamente com as tonalidades lilases do sofrimento.

Uma fotografia de família nos é elucidativa a tal respeito. Lucilia, ainda menina, parece estar olhando com tristeza e sem apetência para a vida que se lhe vai apresentando diante dos olhos; resignada, ela parece recusar um mundo do qual pouco esperava de bom, naquele quase início de século XX.

A morte do cordeirinho

Seria um erro imaginar que a admiração da jovem Lucília pelos lados enérgicos do pai, inclusive quando aplicados à sua própria educação, fosse menor do que a tributada por ela às outras qualidades. Assim narrará, até avançada idade, o que se passou após ganhar do pai o belo presente de um cordeirinho. Lavou-o, secou-o e o adornou com lindos laços de fita. Tratou-o com todo o carinho, até o dia em que um respeitoso escravo lhe confidenciou:

— Sinhá³ pequena, eu queria dizer uma coisa para a sinhá ficar preparada. Sinhô – o pai dela – vai mandar matar o cordeirinho amanhã. Eu só queria avisar.

Ela então disse:

— Não é possível! Você está mentindo, papai não faria uma barbaridade dessas!

Sorrindo, ele respondeu:

— Sinhá pequena, é assim que vai ser.

Sem perder um minuto, ela foi correndo ao escritório do pai e lhe disse, banhada em lágrimas:

— Papai!... Então papai vai matar o cordeirinho? O senhor deu mesmo essa ordem? Será possível?

— Minha filha, é verdade.

— Mas como? Ele é tão bonzinho, tão bonitinho, eu quero tão bem a ele...

— Lucília, deixe de ser ingênua. É preciso enfrentar as coisas como elas são. Isto será bom para que você perca esse sentimentalismo. Sentimento, sim; sentimentalismo, não.

Foi irredutível. No dia seguinte, lá foi o cordeirinho fazer parte do cardápio.

Dona Lucília sempre mencionará o fato como prova da bondade do pai, que usou um remédio duro, vencendo o próprio afeto paterno, a fim de curar a tendência para o sentimentalismo de uma menina daqueles tempos românticos.

A capa do cigano-chefe

Policiamento raro, defesa pública quase inexistente, de repente corria a voz na pacata Pirassununga:



Reprodução

**Sua alma juvenil foi-se
enriquecendo paulatinamente com
as tonalidades lilases do sofrimento**

A menina Lucília

— Os ciganos estão chegando... tranquem as crianças!

Dizia-se na época que os ciganos faziam uma espécie de terrorismo: entravam oferecendo negocinhos a todo mundo e, quando menos se esperava, roubavam um ou dois pequenos e desapareciam. Se a família conseguisse recuperá-los, encontrá-los-ia maltratados, imundos e às vezes doentes.

Muito menina ainda, e tomada pelo pânico de ser roubada, Lucília observava os movimentos dos ciganos pela cidade com um dos olhos postos no

buraco de uma fechadura, a fim de analisar à distância as intenções de seus possíveis agressores.

Aconteceu, porém, que devido à prestação de serviços advocatícios de Dr. Antônio a um chefe de ciganos, este se tornou seu amigo e cabo eleitoral. Assim, passou a frequentar o escritório do pai de Lucília, contíguo à residência da família. Evidentemente, nem de longe se poderia levantar a suspeita de más intenções da parte de uma pessoa que demonstrava tanta benquerença. Daí o terem-se adelgado na alma da menina as barreiras do temor em relação àquele cigano.

Num dia de eleições, em que a casa e o escritório de Dr. Antônio formigavam de amigos políticos, Lucília encontrou, sobre o canapé da entrada, a capa do referido chefe. Era uma espécie de poncho forrado com um tecido vermelho, que lhe pareceu muito elegante. Enormemente atraída, analisou-a, acariciou-a e acabou por vesti-la, dando uns passeios por dentro da residência. Qual não foi o espanto de Da. Gabriela ao vê-la revestida desse manto! Sem demora o retirou dos ombros de sua filha, aconselhando-lhe nunca mais tocar em objetos tão estranhos.

Este pequeno mas tão pitoresco episódio é ilustrativo do ambiente de domésticas aventuras que marcavam a vida provinciana e povoavam a inocente infância de Lucília. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de: *Dona Lucília*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, p.49-68

¹ Naqueles tempos, era relativamente frequente o casamento entre primos.

² Na transcrição da ata de Batismo de Dona Lucília foi mantida a grafia original, em vigor no ano do nascimento dela.

³ Naquele tempo, tratamento dado por escravos à senhora.

Venceste-nos, Dona Lucilia!

Há anos experimentando em nós mesmos e constatando nos outros a ação de Dona Lucilia, temos a impressão de que ela ajuda a abrir certos caminhos para a ação de Maria Santíssima.



✠ **Raphaël Six**

Chovia aos caudais em Recife, naqueles idos de 1968. Encontravam-se na capital pernambucana alguns seguidores de Dr. Plínio, que para lá se haviam deslocado a fim de fazer uma campanha, nome usado pelos membros do movimento por ele fundado para denominar as manifestações públicas da entidade, sempre em defesa dos valores da Igreja e da Civilização Cristã. Entretanto, o grupo de jovens intrépidos viu-se reduzido à inatividade, pois com chuva não podiam sair às ruas. Situação consternadora...

Mas não era isso que os entristecia, e sim a preocupação pelas incontáveis almas que ficariam privadas de sua ação apostólica. Sobretudo o responsável por aquele conjunto, de nome João Scognamiglio Clá Dias, não podia se conformar com a perspectiva de os céus estarem opondo resistência a tão nobre empreendimento.

Homem de fé insigne, persuadido, portanto, de que as grandes soluções não se deixam encontrar senão no Alto, resolveu procurar lá o auxílio. Lembrou-se da mãe de Dr. Plínio, falecida poucos meses antes, com a qual convivera longamente durante o último período de vida dela, convencendo-se de sua bondade e de suas virtudes exemplares. Por inspiração, propôs aos demais fazerem uma singela promessa a ela, a fim de que a chuva parasse: se o tempo abrisse, rezariam um Terço junto ao túmulo da intercessora no Cemitério da Consolação, em São Paulo. Era a primeira vez que se formulava uma

petição coletiva a Dona Lucilia, sempre no âmbito da devoção privada.

Em questão de instantes, a chuva cessou e foi possível executar a missão. Ao longe, as nuvens se afastavam, parecendo afugentadas por uma força luminosa, transformando-se aos poucos em pequenas manchas no horizonte. Se a nuvenzinha de Elias (cf. I Rs 18, 44), vinda do mar, pressagiava tempestade, aquelas, partindo para o mundo inteiro, bem se poderia dizer que anunciavam a proximidade de um dilúvio, não de água, mas de favores celestiais.

Torrentes de graças

Voltando de Recife, o então Sr. João Clá e seus companheiros dirigem-se imediatamente ao cemitério, a fim de cumprir a promessa. Mas não são os únicos a externar gratidão; depois deles virão outros, muitos outros...

É, para citar alguns poucos exemplos,¹ uma dona de casa em dificuldade, que em 1998 até mesmo passou fome, mas foi consolada e alimentada por uma misteriosa dama, e que depois de vinte anos descobre a identidade de quem tanto a beneficiara.

É uma juveníssima estudante cujos pais, em apuro financeiro, não têm condições de lhe comprar uma mala para transportar seus pertences, e que inexplicavelmente encontra uma na porta de sua casa.

É uma mãe de família cujo filho desaparecera num lugar suspeito e que, após uma noite de angústia, o recupera

com saúde; ou outra que reencontra não o filho, mas sua honra, pois este fora acusado injustamente de roubo e acaba finalmente inocentado; outra ainda – vê-se como as mães gozam de uma especial atenção por parte de Dona Lucilia – que passou por uma gravidez de risco, sendo aconselhada a abortar para salvar a própria vida, mas não o fez, e que agora, viva, agradece à sua benfeitora junto com a filha.

São também filhos que já se acreditavam órfãos, pois seus progenitores encontravam-se desenganados, mas que os viram emergir do estado grave, recuperar-se de um acidente vascular cerebral, encontrar doador para um órgão comprometido, ser dispensado de realizar uma operação de risco.

E quantos outros! São endividados que obtêm repentinamente a quantia exata para manter sua dignidade; são paráliticos que agora caminham; são mulheres estéreis que carregam seus filhos nos braços; são incrédulos que encontram o caminho da conversão; são sofrendores que continuam premiados com sua cruz, mas aprendem a carregá-la com resignação cristã.

Vida no cemitério

Muitas dessas pessoas favorecidas pela intercessão de Dona Lucilia seguem também materialmente os passos daqueles jovens discípulos de Dr. Plínio, acorrendo à sepultura dela no Cemitério da Consolação, na capital paulista. E o que encontram ali?

Atravessados os umbrais da necrópole, avistam um monumento vivo, um sepulcro singelo, mas que a gratidão transformou em jardim florescente, ornado de rosas, de cravos ou de lírios, mas sobretudo de uma aura maravilhosa, que atrai e ao mesmo tempo reconforta.

Ousaríamos afirmar que, transcorridas quase seis décadas de seu falecimento, dezenas de milhares de pessoas já se dirigiram àquele lugar – é, de longe, a sepultura mais visitada do local –, formando uma como que família que tem algo de evangélico.

Sim, pois seus integrantes são semelhantes aos da parábola do banquete do Reino de Deus: pobres, aleijados, cegos e coxos (cf. Lc 14, 21), de corpo e de alma. Trata-se de pessoas que, embora às vezes grandes sob certos aspectos, buscam refugiar-se à sombra dessa senhora porque em algo se sentem pequeninas.

Em vida, Dona Lucilia sempre exerceu enorme atração sobre as crianças, que buscavam seu patrocínio com sofreguidão. Quiçá tal qualidade tenha sido uma preparação, ou um prenúncio, da incumbência que lhe caberia exercer na eternidade sobre aqueles que, reconhecendo-se contingentes, sentem-se atraídos a pedir sua intercessão.

Essa força irresistível, embora permaneça sempre um mistério, talvez possa ser descrita ao menos em alguns de seus aspectos.

Fita que aproxima da misericórdia de Nossa Senhora

Se Maria Santíssima é Mãe de Misericórdia, não parece descabido que Ela designe “advogadas auxiliares” – não das pequenas causas, porque nenhuma causa pode se considerar pequena se é capaz de atingir os Céus, mas da causa dos pequenos –, concedendo-lhes representar de forma especial, a modo de reflexo

puríssimo, algo de sua própria misericórdia e bondade, como uma fita que, de maneira simbólica, aproxima o fiel da imagem de Nossa Senhora que reina num alto nicho.

“Mas que exagero!”, talvez pensará precipitadamente alguém que nunca vivenciou o desvelo materno de Dona Lucilia.

À objeção, típica de certa tacaanhice espiritual, é mister responder que a contabilidade celeste se rege por princípios diferentes dos nossos: as coisas do Alto, à maneira da Eucaristia, não diminuem quando repartidas; pelo contrário, se multiplicam.

Moisés não perdeu nada de seu espírito quando este foi distribuído entre os setenta anciãos de Israel (cf. Nm 11, 25); tampouco Jesus Cristo perdeu seu Sagrado Coração quando o trocou com o de Santa Catarina de Siena, entre outros, numa intervenção cirúrgica tão sensível, fisicamente, que até lhe deixou cicatriz. Da mesma forma, a Santíssima Virgem não Se privará

de sua misericórdia ao dotar quem quer que seja da capacidade de ser sua “desbravadora”.

“Esta senhora espanhola!”

Contudo, não é só a bondade, nem só a prodigalidade que tornam Dona Lucilia irresistível. Há mais.

Antes de tudo, a santidade pode manifestar-se no fazer coisas ordinárias de maneira extraordinária.² O conceito parece aplicar-se de modo muito satisfatório a Dona Lucilia, que em vida agiu com heroísmo enquanto filha, mãe, esposa e dona de casa, como esperamos ser um dia reconhecido oficialmente pela Santa Madre Igreja. Claro está que, após seu falecimento, dir-se-ia que o quadro se inverteu: ela passou a fazer coisas extraordinárias de forma ordinária.

Seja como for, a protagonista continua a mesma. Por isso, parece interessante buscar, em sua psicologia durante a peregrinação neste mundo, elementos que nos auxiliem a entender sua atuação no outro.



Arquivo Revista

Os que buscam refugiar-se à sombra dessa bondosa senhora formam uma família de almas que se reconhecem pequeninas e contingentes

Túmulo de Dona Lucilia num dia festivo, em 1986 - Cemitério da Consolação, São Paulo

Dona Lucilia foi uma dama de firmes convicções. Sobretudo quando se tratava das máximas católicas, defendia-as de maneira sempre calma, mas inflexível, de tal modo que até pareceria uma pessoa “teimosa”. Dr. João Paulo, seu esposo, costumava brincar nessas horas, fazendo alusão a um dos ramos de sua ascendência: “Ih!... Esta senhora espanhola!”

Há uma fotografia em que ela expressa de algum modo esse estado de espírito. Trata-se de uma de suas últimas imagens, parte da série para a qual Dona Lucilia posou a pedido de Mons. João, que a fotografou como que já pronta para a eternidade e adornada, inclusive, com sua auréola prateada, tecida com seus cabelos pela natureza e pelo tempo. Ali a encontramos retratada quase em posição de contenda e – atitude raríssima em seus retratos – franzindo o cenho. Requisição, sem dúvida, do fotógrafo, inspirado pela ideia de imortalizar aos séculos futuros também uma Dona Lucilia inquisitiva.

Seu olhar parece voltar-se simbolicamente para além das rosas, na direção de algo que lhe aviva a preocupação. Ela tem uma meta, cuja consecução lhe mobiliza todo o ser, como bem se pode entrever pelas mãos que, nobremente, se retesam. Mas o que deseja essa senhora?...

Ao encaço dos filhos

Se uma mulher, afirma o Evangelho, possui dez dracmas e perde uma, logo acende uma lâmpada, varre a casa e busca diligentemente, até achá-la. “E tendo-a encontrado, reúne as amigas e vizinhas, dizendo: Regozijai-vos comigo, achei a dracma que tinha perdido” (Lc 15, 9).

Dona Lucilia parece ter algumas dracmas perdidas, em cuja efígie se vê, não o rosto de César (cf. Mt 22, 20-21),

mas o de cada filho que Maria Santíssima lhe confiou, e não são poucos!

Assim, árdua é sua missão... Mas não importa: ela irá ao encaço de todas. E seu método revela-se muito simples.

Será sempre numa encruzilhada do caminho, por onde rolam suas dracmas perdidas, que Dona Lucilia estará esperando paciente, insistente, santamente “teimosa”. Se a ela recorrerem, serão



Dona Lucilia parece ter algumas dracmas perdidas, em cuja efígie se vê, não o rosto de César, mas o de cada filho que Maria Santíssima lhe confiou

Dona Lucilia em 1968

colhidas. Se não, terminarão em algum buraco, que se prestará eficazmente ao papel de pedagogo, e talvez nesta hora seja o momento de ela atuar.

Não resistimos em recordar mais um fato, ocorrido com uma senhora de fora do Brasil. Tendo seu marido perdido o emprego, a mãe dela recomendou-lhe, com os termos que entendia por bem usar, que rezasse a certa senhora com fama de “fazer milagres”. A filha

não deu importância, limitando-se a perguntar em tom jocoso: “E ela dá dinheiro? Oxalá que um dia me apareça e me consiga algum dinheiro!” Ante a insistência de sua progenitora, ela ficava cada vez mais fechada à hipótese de recorrer a Dona Lucilia. A dracma resistira à primeira encruzilhada.

Tempos depois, porém, seu filho adoeceu. A criança fora acometida por mucormicose, um fungo mortal que poderia atingir o cérebro. Ademais, tinha suspeita de leucemia. Os médicos já haviam decretado sua morte, quando a mãe teve um sonho. Viu uma senhora de cabelos brancos, que lhe dizia palavras de confiança.

No dia seguinte, a avó do menino voltou à carga, recomendando que a filha rezasse a Dona Lucilia. Desta vez, pelo menos ela aceitou ver a fisionomia da senhora que “faz milagres”. Não precisamos dizer que se tratava do mesmo rosto contemplado no sonho.

É verdade que muitos sofrimentos ainda lhe estavam reservados. Seu filho chegou a ter uma parada cardíaca e submeteu-se a algumas cirurgias, mas por fim, no mês de abril – época especialmente cara aos devotos de Dona Lucilia –, recebeu alta: uma nova joia passava a brilhar na coroa dessa bondosa intercessora.

Eis o grande milagre de Dona Lucilia: do fundo do abismo de seu próprio fracasso, essas almas arredias se reconhecem, finalmente, vencidas. E, vencidas, clamam. E, clamando, vencem. Essa mãezinha, “teimosa” em fazer o bem, vence até os seus filhos mais obstinados! ✨

¹ Todos os fatos aqui enunciados foram dados a conhecer nesta mesma Revista, na seção *Luzes da intercessão de Dona Lucilia*.

² Cf. SÃO PAULO VI. *Alocução*, 3/11/1963.



Fidelidade à vocação laical

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA

§898 É específico dos leigos, por sua própria vocação, procurar o Reino de Deus exercendo funções temporais e ordenando-as segundo Deus. A eles, portanto, cabe de maneira especial iluminar e ordenar de tal modo todas as coisas temporais, as quais estão intimamente unidos, que elas continuamente se façam e cresçam segundo Cristo e contribuam para o louvor do Criador e Redentor.

Os ensinamentos deste parágrafo, verdadeiro compêndio da vocação laical, correspondem ao número 31 da Constituição *Lumen gentium*, do Concílio Vaticano II. Lemos nele os três principais tópicos teológicos que fundamentam dita vocação.

Em primeiro lugar, o texto recorda que os leigos são incorporados em Cristo pelo Batismo. Efetivamente, a recepção desse Sacramento, pórtico da vida no Espírito, torna-os membros da Igreja e os purifica do pecado original e dos pecados pessoais, para viverem uma filiação divina indelével e assim, pela perseverança na Fé, alcançar o Reino do Céu.¹

Em seguida declara que pelo Batismo os leigos são constituídos em povo de Deus, destacando a nova e irrevogável aliança estabelecida entre o Senhor e os batizados na comunidade eclesial.

Por fim essa fundamentação teológica conclui ensinando que os leigos, “tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo”.²

Os leigos participam do ofício sacerdotal de Cristo oferecendo suas vidas, atividades e sofrimentos, principalmente na celebração da Sagrada Eucaristia, enquanto sacrifícios espirituais.

Reprodução



Fiel a sua vocação, Dona Lucilia brilhou pelo exemplo de virtudes como esposa e mãe católica

Dona Lucilia em 4 de fevereiro de 1956

Associam-se ao seu profetismo dando testemunho da Fé, proclamando o Evangelho e denunciando sem temor o mal nos diversos ambientes da sociedade. Finalmente, exercem a realza de Jesus ao combater em si o reino do pecado e ao tornar Nosso Senhor presente entre os irmãos, pela caridade e pela justiça.³

À luz desses ensinamentos, a figura de Dona Lucilia Corrêa de Oliveira, homenageada neste número, apresenta-se como modelo notável de fidelidade

à vocação laical; sua vida admirável se confirma por dois significativos aspectos. De um lado, testemunhos a reconhecem como exemplo na prática das virtudes, seja como esposa, seja como mãe católica; de outro, numerosos fiéis asseguram ter alcançado surpreendentes favores de Deus através de sua intercessão.

Esses dois antecedentes, tecnicamente conhecidos como *fama de santidade* e *fama de sinais* ou *de milagres* de que goza um fiel defunto, constituem os dois requisitos obrigatórios para dar início aos inquéritos diocesanos nas causas de beatificação e canonização, conforme determinado pelo artigo 7 da Instrução *Sanctorum Mater*, do Dicasterio para as Causas dos Santos.

De fato, Dona Lucilia faz parte dos fiéis leigos que autenticamente procuraram “o Reino de Deus e sua justiça” (Mt 6, 33), brilhando pelo exemplo de virtudes e pela pureza de costumes, cujo reconhecimento, augura-se, possa vir um dia a ser ratificado pela Santa Madre Igreja. ✠

¹ Cf. CEC 1213-1214; 1272.

² CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium*, n.31.

³ SÃO JOÃO PAULO II. *Christifideles laici*, n.14.



Constância na alegria e na dor

Numa existência longa e repleta de vicissitudes, Dona Lucilia deixou-se moldar pela Providência, legando à posteridade admiráveis exemplos de fortaleza e temperança, frutos de uma profunda compreensão do verdadeiro sentido da vida.

✎ **Plínio Corrêa de Oliveira**

Evidentemente, eu não conheci Dona Lucilia quando menina, mas posso facilmente reconstituir como sua mentalidade se formou, quando considero o modo de ser dela em idade madura.

Seu espírito se caracterizava, sob certo aspecto, por uma retidão admirável, que consistia em ver as coisas de frente, fossem dolorosas ou promissoras. Ela considerava o sofrimento em sua realidade inteira, em toda a sequência de amarguras que podia trazer; via também a alegria como ela era, sem exagerar as vantagens que acarretava, compreendendo bem ser tudo nesta terra aleatório e, portanto, passível de degingolar, desabar de repente.

Por essa razão, tomava uma posição muito calma e estável em face da vida, sem torcidas, nem grandes ansiedades ou depressões. Isso não fazia dela, de modo algum, uma pessoa apática, pois vivia profundamente todos os acontecimentos, mas sempre com certa distância. Havia entre ela e os fatos uma camada, que os ruídos das circunstâncias não transpunham, não conseguiam penetrar. E para além das coisas concretas, Dona Lucilia conservava sua serenidade, distância psíquica e estabilidade.

Duas formas de considerar a vida

Esse estado de espírito proporcionava-lhe recolhimento, força e meiguice

em todas as situações. Por mais que as condições mudassem, ela estava sempre na mesma atitude interior, por detrás da qual havia um profundo senso do dever.

Ela não concebia a vida como certo literato francês a definiu: “Um longo charuto saboroso que se trata de fumar até o fim”. Não julgava, portanto, que a principal finalidade do homem fosse conquistar honras, prazeres, glórias ou dinheiro para gozar o máximo possível e depois morrer nesciamente.

Para ela, a existência era algo diferente. Havia prazeres e tristezas; tratava-se até de tirar partido das alegrias para se poder aguentar as dores. Mas a meta da vida consistia em realizar uma missão, adquirir certo estado de espírito e cumprir o dever.

Afável e discreta atuação no lar

No âmbito restrito da família, Dona Lucilia considerava como sua obrigação proporcionar formação, bem-estar e elevação de alma ao ambiente doméstico, de modo a seus filhos virem a ser perfeitos católicos e cumpridores de seu dever. Ela procurava marcar o lar com a afabilidade e o afeto, tornando-o atraente e diminuir junto aos seus a influência que os locais maléficos pudessem ter.

Desejava habituar seus filhos a tal modo de ser, a fim de que eles, por sua



Arquivo Revista

Considerando o sofrimento em sua realidade inteira, Dona Lucilia tomava uma posição muito calma e estável em face da vida

Dona Lucilia no ano de 1906

vez, formassem seus descendentes na mesma escola indefinidamente, pois ela entendia que era essa a verdadeira forma de viver.

Talvez alguém se pergunte: Dona Lucilia não preparou seus filhos para as lutas da vida? Não lhes estimulou a seguir uma carreira brilhante, fazer fortuna? Não lhes deu anseios de progredir?

Acima dos objetivos materiais, o serviço de Deus

A resposta é afirmativa. Dona Lucilia o fazia, mas sempre sob o aspecto de um dever, por ela concebido da seguinte forma: “Nós temos um encargo de honra de nunca baixarmos, a menos que isto seja necessário para não pecar, e, portanto, temos a obrigação de trabalhar, de nos esforçar para manter a família na altura correspondente a ela e à tradição dos maiores, pois as coisas elevadas devem conservar sua dignidade”.

Tal empresa, porém, não deveria ser realizada com vistas à fruição de um gozo ou das vantagens de nossa condição social, mas sim por uma reverência ao ideal de honra enquanto um princípio instituído por Deus. Para isso é preciso viver e lutar.

Ora, faz parte da boa conservação, caso seja possível, elevar-se a condições ainda melhores, sem nunca utilizar para esse fim manobras indecorosas, mas progredir através de um trabalho honesto e gradual. Este é um ônus que existe e deve persistir, para sustentar o nome da família.

Todavia, tudo isso não era o mais importante. Ser verdadeiro católico apostólico romano e servir a Deus era o principal. Assim, todas as obrigações para com o nome da família, como também para com sua tradição, tornavam-se secundárias.



Arquivo Revista

Na visão de Dona Lucilia, a felicidade consistia em ter a alma elevada, piedosa e tranquila, gozando os prazeres simples, desprezíveis e normais da existência

Dr. Plínio em 1982

Onde está a felicidade?

Tais preocupações eram um dever, não a felicidade. Esta consistia, na visão de Dona Lucilia, em ter a alma elevada, piedosa e tranquila, gozando os prazeres simples, desprezíveis e normais da existência.

Não se encontrava nas grandes festas, mas na boa ordenação do cotidiano; não nas grandes viagens, mas no aproveitamento dos lazeres comuns; não nas grandes fortunas, mas no uso equilibrado dos recursos que se possuiu.

Tratava-se de um bem-estar sobretudo de alma, temperante, tranquilo e modesto, presente até no infortúnio pois, quando este cai sobre nós e se inicia uma derrocada, desde que nela não se tenha culpa, nada de essencial é afetado. Mantém-se uma consciência pura, uma vida digna de ser vivida.

Correspondendo aos anseios da família

Ora, essa hierarquia entre a aspiração por uma vida feliz e a consideração do real sentido da existência condicionou diversos fatos da vida de Dona Lucilia. Como toda boa mãe, ela ansiava que seus filhos desenvolvessem dotes e qualidades, e realizassem algo grandioso. Acreditava que eu poderia ser um grande advogado, quem sabe de maior renome que seu próprio pai, o Dr. Antônio Ribeiro dos Santos.

Ademais, por ser sobrinho do Conselheiro João Alfredo,¹ também nossos parentes esperavam que eu me tornasse uma figura semelhante a ele.

Entretanto, quando em 1932 fui eleito deputado federal para a Assembleia Constituinte, Dona Lucilia reagiu com uma tranquilidade de alma e uma serenidade impressionantes. Lembro-me de que em nenhum momento eu a



Para ela, a noção do dever estava acima das ebriedades da glória, e o essencial da vida consistia em valer algo diante de Deus e no querer bem aos outros

À esquerda, inauguração da Assembleia Constituinte, em 15 de novembro de 1933; em destaque, Dr. Plínio. À direita, assistentes da cerimônia; em destaque, da esquerda para a direita: Dr. João Paulo, pai de Dr. Plínio, Dona Lucília e sua filha, Da. Rosée

vi exultante, muito embora percebesse que esse fato correspondia por inteiro ao que ela esperava de seu filho aos vinte e quatro anos de idade.

O dever acima das ebriedades da glória

Ocorreu então um tocante episódio por ocasião de minha posse como deputado. A cerimônia seria realizada no Rio de Janeiro, e mamãe, que fizera tantos sacrifícios para me formar, mais que merecia estar presente. Naturalmente, convidei meu pai e minha irmã para irem também, e rumamos para o Rio.

No dia da inauguração da Constituinte, dirigimo-nos todos para o ato solene. Dona Lucília, entretanto, possuía um incômodo nos pés devido a um reumatismo, que não lhe permitia permanecer em pé por muito tempo. Por essa razão chegamos bem cedo e a levei até uma galeria, local privativo do qual os deputados poderiam dispor para seus convidados. Começaram a soar as campainhas, indicando o início iminente da sessão. Tive de deixá-la,

descendo com pressa até o recinto dos deputados.

Ficou-me então a dúvida de se ela obtivera ou não o assento esperado. Quando cheguei ao local destinado aos deputados, ainda antes de entrar na bancada paulista, a primeira à direita da mesa do presidente, coloquei-me no meio do salão e comecei a procurar Dona Lucília com os olhos, a fim de verificar se ela estava bem instalada. Notei que ela havia obtido um bom lugar; fiz-lhe um sinal e tomei posição na bancada.

Tempos depois, Dona Lucília fez o seguinte comentário: “Meu filho, fiquei muito alegre com sua eleição para deputado. Entretanto, significou muito mais para mim aquela sua atenção de, no dia da posse, acenar com a mão quando já estava embaixo. Naquela hora, em que você poderia estar inebriado pela vaidade, lembrar-se de sua mãe e querer comprovar se ela estava bem acomodada indicavam um feito de alma e uma forma de carinho muito mais valiosos para mim que uma cadeira de deputado”.

No fundo, o pensamento dela era: “Se possível, seja deputado, vá para frente; porém, esse não é o centro da vida. Mais importante é ter uma noção do dever que fica acima das ebriedades da glória. E, em consequência, ter para com sua mãe o reconhecimento que você sabe, pela Lei de Deus, ser necessário ter”.

O essencial da vida: conhecer-se e querer-se bem

Muitos anos depois, por conselho de alguns amigos candidatei-me uma vez mais. Quando, finalmente, chegou a notícia de que eu não fora eleito, disse a ela:

— Meu bem, fui derrotado.

Ela ficou impassível. Eu ponderei:

— Dir-se-ia que a senhora não lamenta.

Ela respondeu:

— Não, não lamento. O essencial da vida, meu filho, não é ser deputado, mas valer alguma coisa, conhecer-se e querer-se bem.

Esses episódios demonstram bem qual era o feito de espírito de Dona

Lucilia. Entretanto, vi esse modo de ser passar por provas e desenvolver-se em outras ocasiões, em infortúnios muito grandes que ela atravessou.

Constância de espírito nas mutabilidades da vida

Ao casar, ela recebeu do pai um bom dote, o qual auxiliou no sustento da família; mais tarde a esses bens se somou ainda sua herança. Por várias circunstâncias, porém, já entrando na idade madura ela teve uma quebra financeira enorme, uma derrocada tal que nós ficamos ameaçados de ir morar em condições incomparavelmente inferiores às que tivéramos até ali. Lembro-me de ela dizer:

— Meu filho, você é muito novo, não faz ideia da casa aonde vamos parar. Agora, temos de nos preparar para isso porque, se Deus permitir, esta é a vontade d'Ele e assim se cumprirá.

Mas fazia esse comentário com toda a calma e dignidade, sem nunca deixar de ser ela mesma, sempre com temperança e normalidade, revelando a perfeita proporção entre o acontecimento externo e a repercussão interna nela. De maneira que mamãe vibrava em face das coisas na proporção e na medida em que essa vibração deveria existir.

Em certas ocasiões, por falta de dinheiro, os vestidos dela estavam surradíssimos, embora muito limpos, como tudo quanto era dela. Trajava-se tão pobrementemente que só ia à Missa, porque não se considerava em condições de apresentar-se em outro lugar. Ia, porém, com tranquilidade e distinção, segura de si, sem agitação.

Mais uma vez, vê-se aqui uma serenidade de alma que a colocava acima dos altos e baixos e das vicissitudes, e fazia dela uma pessoa sempre igual a si mesma, ainda quando os caminhos

da vida se fechavam, às vezes de modo assustador.

Um dever levado até as últimas consequências

Quando ficou bem avançada em idade, Dona Lucilia começou a ter dificuldade de audição e, ao mesmo tempo, perturbações de vista, numa época na qual não se recomendava a cirurgia de catarata. Vendo cada vez menos e quase surda, ela caminhava para um isolamento completo; por outro lado, com o coração funcionando

e melancólica, mas sem nenhuma amargura ou queixa, caminhando com aquele passo sempre igual, para a frente.

Afinal, consegui os meios e resolvi fazer uma tentativa com um aparelho moderno, para melhorar a audição dela. Comprei, ela começou a usar e foi um reflorescer. Ficou muito contente, mas não foi nem um pouco uma alegria intemperante.

A toada da vida dela continuou na mesma linha, na mesma tranquilidade, na mesma dignidade. Sabendo-se cada vez mais diferente de tudo e de todos, não mudava em nada, por um princípio de fidelidade. Se assim se devia ser, ainda que os outros fossem de outro modo, ela continuava, porque aquele era o seu dever. Ainda que custasse isolamento ou incompreensão, manter-se-ia fiel a si mesma até o encontro com Deus.

Uma mentalidade marcada pela constância ante a dor

O modo de ser e a mentalidade dela se cunharam sofrendo tudo quanto tinha de sofrer, perdendo tudo quanto tinha de perder, passando pelas grandes e pequenas vicissitudes de uma vida de família acidentada, indo até o fim com toda a naturalidade.

Quando chegou o fim, percebeu que ia morrer, fez um grande nome do Pai e morreu. Era o fim do processo dela, estava terminado. ✦



Mesmo às custas da incompreensão e do isolamento, Dona Lucilia manteve-se fiel a si mesma até o momento de seu encontro com Deus

Dr. Plínio e Dona Lucilia em 1959

bem, tinha ainda alguns anos de vida diante de si.

Minhas conversas com mamãe eram aos brados, para ela acompanhar alguma coisa, mas poucas pessoas tinham essa paciência. De maneira que, quando havia reunião de família, ela, que era tão comunicativa, ficava completamente só: muito triste

Extraído, com adaptações para a linguagem escrita, de: *Conferência*. São Paulo, 24/6/1973

¹ João Alfredo Corrêa de Oliveira, tio-avô de Dr. Plínio, exerceu diversos cargos no governo durante o reinado de Dom Pedro II, entre eles o de presidente do Conselho de Ministros do Império.

Teresita, sacrário vivo de Maria

Uma existência breve, intensa, generosa. Seu amor à Santíssima Virgem, levado às últimas consequências, tornou-a uma verdadeira filha e espelho fiel de sua Mãe virginal.



✠ Ir. María José Vicmary Feliz Gómez

No firmamento da Santa Igreja, certas estrelas parecem brilhar exclusivamente para Deus. Há, sim, vocações que se tornaram conhecidas pelas proezas praticadas à vista de todos; outras, porém, passam quase despercebidas nas páginas da História, porque sua missão consistia em glorificar o Criador no anonimato da vida comum e corrente.

Entre estes discretos luzeiros podemos encontrar uma virgem de existência breve, cujo resplendor nos convida hoje

a elevar as vistas ao Céu, deixando-nos por ela iluminar.

Entre heróis e mártires... Teresita

Em meio às alegrias da Ressurreição do Senhor, Maria Teresa González-Quevedo y Cadarso veio ao mundo na gloriosa Espanha dos mártires e dos heróis, no dia 14 de abril de 1930.¹

Seu pai, Dr. Calixto González-Quevedo y Monfort, tanto quanto sua mãe, María del Carmen Cadarso y González, descendiam de famílias profundamente católicas, e vários de seus membros, nos

teríveis anos da Guerra Civil, uniriam à nobreza do sangue um galardão ainda mais precioso: o da fidelidade levada até o sacrifício da própria vida. Teresita – assim chamada de modo carinhoso em casa – tinha, pois, uma meta bem alta, se quisesse seguir o belo exemplo da família.

Mas ela parecia seguir outras bandeiras...

Era uma menina de fibra, impetuosa e extrovertida, transbordante de vida e de alegria, com um temperamento generoso, mas decidido, sempre impondo-se aos demais e capaz de grandes desgostos quando contrariado... Sua pueril teimosia lhe valeu o apelido familiar de *el venenito*, o veneninho, pois era impossível demover de alguma decisão aquela criança tão intempestiva em seus gostos e exigências.

Contudo, acima desses e de outros tantos defeitos, pairava um amoroso desígnio divino, e logo na primeira infância de Teresita brilhou um matiz especial em seu caráter enérgico: o amor à Santíssima Virgem Maria. Por sua Senhora, aquela personalidade forte estaria pronta aos maiores sacrifícios, determinada, inclusive, a galgar a íngreme escarpa da santidade a todo custo: “Decidi ser santa”, escreveu em seu diário quando contava apenas nove anos de idade. E só Deus conheceria



Acima dos defeitos, pairava um amoroso desígnio divino: o amor à Santíssima Virgem Maria. Por Ela, Teresita estaria pronta aos maiores sacrifícios

À esquerda, Teresita aos três anos de idade; à direita, no dia da admissão como congregada mariana, em 13 de dezembro de 1944

Fotos: Reprodução

o significado dessa resolução, pois sua alegria cativante saberia velar aos demais o tamanho das renúncias feitas e das lutas travadas contra si mesma.

O tempo se encarregaria de mostrar para Teresita o modo pelo qual sua vida iria consumir-se em holocausto, mas antes disso ela já havia encontrado seu norte, a meta final de todos os seus atos: o Céu.

Duas Teresitas...

Aos nove anos de idade, Teresita estava longe de imaginar-se religiosa. Ela ainda fazia das suas, e essa incurável teimosia e indisciplina tornava-lhe muito penoso estudar com dedicação, obedecer às normas da escola ou, pelo menos, aceitar sem reclamar um prato de refeição pouco do seu agrado...

Um único ponto fazia transparecer de modo misterioso o altíssimo chamado de Teresita: sua pureza. Fosse onde fosse, impactava a candura de todo o seu ser, e a angelicidade de sua figura era apenas o reflexo de uma castidade ilibada, fruto da predileção divina. Por assim dizer, um verdadeiro anjo de pureza se escondia sob aquela carapaça indisciplinada e barulhenta, e essa inocência, aliada à devoção por sua Mãe celestial, constituiriam uma raiz de bem tão forte e vigorosa que venceria de longe seus caprichos. “Eu A quero tanto! Faria por Ela qualquer coisa!”, exclamava com frequência.

Pois bem, o momento em que Teresita se rendia ao amor de sua vida, ou seja, à Virgem Santíssima, era o mês dedicado de modo especial a Ela pela Santa Igreja: maio! As festividades, vividas intensamente no colégio devido ao fervor das religiosas que ali ensinavam, incentivavam na menina grande generosidade de alma para enfrentar trinta e um dias de pequenos sacrifícios, atos de amor e orações, que não podiam passar despercebidos à Rainha dos Céus.

Contudo, o “mês de santidade” terminava na última festa de maio, e então



Não demorou para que a presença de Maria se fizesse notar em todos os seus atos

Teresita semanas antes de entrar no convento

reaparecia a Teresita teimosa de sempre... algo mais purificada que no maio anterior, mas ainda longe da meta tão esperada da santidade.

Um feliz acontecimento, porém, viria a fixar – e, desta vez, para sempre! – a luz em sua alma.

A “conversão” de uma Teresita

Superados os horrores com que a Guerra Civil sacudira a sociedade espanhola, era preciso reconstruir, sobre as sólidas bases da Fé, a juventude para o futuro. Pensando nisso, as religiosas Carmelitas da Caridade, responsáveis pela escola onde Teresita estudava, decidiram fundar as Congregações Marianas entre as alunas, a fim de incentivar nas meninas uma vida de piedade séria e uma profunda devoção à Santíssima Virgem.

Os preparativos para a fundação, a escolha das primeiras candidatas e sua consagração demonstraram quanto amor tinha Teresita pela Rainha dos Céus. De fato, ela fora sempre muito devota de Maria, e até exemplar na vida de piedade – coisa rara, dado seu natural tendente à dissipação –, mas,

em questão de meses a mudança da menina foi patente aos olhos de todo o colégio: acabaram-se as respostas espirituosas para livrar-se das repreensões, cessaram as faltas de disciplina, a fuga das obrigações, as manifestações de desagrado diante do sacrifício. Pelo mundo, Teresita fora incapaz de levar com seriedade sua vida, mas por Maria... o que não faria a fim de agradá-La?

Assim, seus dias transformaram-se num “maio” contínuo, e todos viram surgir nela uma menina estudiosa, disciplinada, mortificada, abnegada e até silenciosa... Teresita se propusera cumprir em tudo as normas das Congregações Marianas que visavam o aperfeiçoamento de seus membros, e no dia de sua consagração, 13 de dezembro de 1944, prometeu aumentar e promover a devoção à Santíssima Vir-

gem como meio de santificação para si e para os demais, sendo modelo de estudante tanto na virtude quanto nas letras. Resumindo seus propósitos, escolheu como lema de congregada: “Minha Mãe, quem me olhe Vos veja”.

Não demorou para que a presença de Nossa Senhora se fizesse notar em todos os seus atos, em especial quando comungava: era impossível deixar de olhá-la, comentavam suas companheiras. A devoção e a dignidade com que assistia à Santa Missa atraíam as jovens, e seu exemplo arrastou para a vida de piedade um sem-número de meninas.

Mais ou menos dois anos depois, Teresita acrescentou a seus propósitos um voto de castidade, feito nas mãos de seu diretor espiritual. Assim, esta congregada mariana iniciou um convívio singular com a Mãe de Deus, pelo qual a graça começou a prepará-la a fim de viver apenas para Deus. De que modo?

E na hora da morte... religiosa ou não?

A inspiração para abraçar a vida religiosa lhe veio através de um de seus piores inimigos: um livro. Teresita



sempre os detestou, mas certo dia, lendo por mortificação uma obra que lhe haviam presenteado, descobriu em suas páginas a vontade de Deus a seu respeito, segundo revelou depois: “Ao chegar ao capítulo que tratava da vocação religiosa, compreendi que era o melhor, que isso era decididamente o que eu precisava. Aquela última pergunta: ‘o que quereirei eu ter sido na hora da morte, religioso ou não?’ foi para mim um golpe decisivo”.

Ardorosa em tudo o que fazia, Teresita decidiu entregar-se por inteiro e logo, sem reservar nada para este mundo passageiro. Tinha então dezessete anos de idade. Ouvindo de uma de suas amigas planos de gozar a vida durante a juventude para na velhice abraçar a vida religiosa, disse-lhe sem hesitar: “Que tacaña e egoísta! Como achas que Jesus vai te admitir já achacosa, depois de terdes oferecido o melhor da vida ao mundo? Jesus tem melhor gosto e quer-te como oferenda na juventude, entregando-a com suas alegrias e sonhos”.

A quantos católicos de hoje não faria bem escutar essa censura, a fim de reservar o melhor de si para Deus e não para o mundo?...

Antes, porém, de ingressar no convento, pediu ao Céu como presente de despedida uma nevada... E na manhã do dia 23 de fevereiro de 1948, quando saiu de casa rumo ao noviciado das Carmelitas da Caridade, viu esse seu sonho infantil realizado: toda a Madri acordara sob um belo manto níveo, despedindo-se, assim, daquela alma de ilibada pureza.

Era uma luz que se apagava no mundo e começava a brilhar só para Deus.

Mais uma eleita, no coro das virgens

Desde seus primeiros dias na vida consagrada a Ir. Maria Teresa demonstrou um único receio: o de ser uma



Reprodução

**Ardorosa em tudo o que fazia,
decidiu entregar-se por inteiro e logo,
sem reservar nada para o mundo**

Teresita como noviça

religiosa medíocre. Depois de ter abandonado tudo, queria ser uma autêntica carmelita da caridade, e para isso empregou todas as suas forças e orações. E não pense o leitor que o combate foi fácil! Ainda persistiam nela algumas réstias da antiga Teresita, risonha e despreocupada, mais tendente a gozar do que a sofrer...

Mas ela amou profundamente a vida comunitária, aproveitando as mínimas ocasiões para aperfeiçoar-se e crescer na santidade. Por iniciativa sua, as noviças criaram o costume de, em todos os recreios, apontarem os defeitos umas das outras, com o fim de se ajudarem a melhorar. Para suas companheiras era uma verdadeira peripécia encontrar alguma falta a lhe corrigir... Assim, Ir. Maria Teresa tinha pouquíssimas imperfeições a registrar no seu diário, a maior parte delas resquícios do passado: “[Disseram-me] que rio bastante alto, que ao falar vou me animando e elevo muito a voz, que quando dizem algo a uma irmã, rio muito...”

Noviça exemplar, sempre alegre, amante da obediência e da regra, zelosa no recolhimento e no silêncio... virginal. Eis a palavra que melhor a definiu até o ocaso de sua existência. Como espelho de Maria Santíssima, sua conduta não comportava medianias: era íntegra tanto no cumprimento das regras quanto na luta contra seus defeitos pessoais, imaculada em seu amor a Deus e à vocação, uma verdadeira virgem consagrada e filha da Mãe Igreja, conforme imagem usada por Santo Agostinho.²

Essa virginalidade traduzia-se em atos concretos, reflexo do intenso amor que ela tinha pela virtude angélica: decore e asseio transpareciam em seus cadernos e roupas, tudo levava a marca da ordem e da limpeza por amor a Deus. “Digam-me, por caridade”, perguntava às religiosas encarregadas de a auxiliarem no noviciado, “se exagero no meu gosto de estar bem-composta e de levar o hábito bem esticadinho. É que gosto de ver as pessoas bem-compostas, e muito mais as futuras esposas ou já esposas de Cristo, pois a pobreza não se opõe a isso. Se vemos que as pessoas do mundo se arrumam tanto por ser filhas ou esposas de X, muito mais nós!”

Outra preciosa lição para nós! Imitemo-la nesse decore, precioso ornato das almas desejosas de perfeição.

Um presente final

Entre lutas, quedas e vitórias avançou célere Ir. Maria Teresa no caminho da santidade. Era de se esperar que seu entusiasmo a levasse a oferecer-se por inteiro a Deus, o que fez no dia em que completou dezoito anos de idade: “Na Comunhão eu tinha tanta vontade de me entregar totalmente a Jesus, para demonstrar o quanto queria amá-Lo, que me ofereci como ‘vitimazinha’ para que Ele fizesse de mim o que quisesse”.

Maria Teresa uniu então a coragem à castidade (cf. Jt 16, 22), a fim de subir a íngreme montanha do Calvário. E Deus

aceitaria – até com pressa – seu oferecimento, colhendo-a na melhor fase de sua existência.

A meningite tuberculosa que ceifaria sua vida pautou, até a última gota de sangue, a imolação feita. Ninguém podia medir a extensão de suas dores, mal-estares e provações, pois um semblante meigo e sorridente acolhia a todos quantos dela se aproximavam. Aquela inocente vítima aproveitava os segundos que lhe restavam sobre a terra para amar, exigindo de si mesma até o impossível no cumprimento das regras, na castidade e na generosidade diária.

Diante da gravidade da doença, procedeu-se à administração dos últimos Sacramentos e foi-lhe permitido fazer a profissão dos votos, ardentemente desejados por ela! Seu contentamento era tão grande, e contrastava de tal forma com a preocupação por sua iminente partida, que dir-se-ia não lhe assaltar o temor da morte: “Como vou ter medo”, perguntava, “tendo uma Mãe no Céu que sairá a esperar-me? Ame muito a Virgem; quanto a mim, o único consolo de que gozo agora é de tê-La amado tanto”.

Teresita sentia-se como o Bom Ladrão: quase nada havia feito para merecer a recompensa, mas na última hora Nossa Senhora lhe obtivera o Céu como presente do Senhor... Ou, quiçá, era Teresita um presente para Deus.

Vítima associada à Divina Vítima

Na vida do verdadeiro católico, explicava Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, “as grandes dores são alternadas com alegrias inimagináveis. Dores pungentes como calvários e alegrias esfuziantes

como Páscoas da Ressurreição fazem um só quadro”.³

Teresita foi sorvendo um a um os padecimentos desse cálice divino: impedida de movimentar-se, de comer, de cantar... aceitou com plena consciência até a perda da razão, tudo para cumprir o seu “faizei de mim o que quiserdes”. No Sábado Santo de 1950, dia 8 de abril, entre orações e prantos da comunidade, que a rodeava, Teresita abandonou um corpo extenuado pela dor. Os olhos já sem expressão e duas lágrimas nas faces anunciaram o fim da paixão daquela que, unindo-se com gáudio à Vítima Divina, celebrava no Céu, com a Mãe de Jesus, a Páscoa eterna.

As lágrimas por sua partida misturaram-se aos aleluias do Domingo de

Ressurreição, uma bela despedida para quem nesta terra se tornara um sacrário vivo de Maria, digna de receber espiritualmente em seu interior o próprio Deus, como a Virgem Imaculada O recebera corporalmente.⁴

Sem dúvida, é preciso ter o coração puro para saber admirar essa predileção de Deus!

Peçamos a Teresita que interceda junto a Nossa Senhora a fim de manter acesas no firmamento da Igreja essas pequenas estrelas que são as almas virgens pois, enquanto sua luz iluminar nosso mundo imerso nas trevas do pecado, poderemos – parafraseando a expressão do Apóstolo (cf. I Cor 13, 8) – exclamar: “A virgindade jamais acabará!” ✚



Reprodução

Ante a morte iminente, Teresita sentia-se como o Bom Ladrão: quase nada havia feito para merecer a recompensa, mas na última hora Nossa Senhora lhe obtivera o Céu como presente do Senhor

Corpo da Venerável Teresita Quevedo durante suas exéquias

¹ Os dados biográficos que constam ao longo deste artigo, bem como as frases de Teresita nele transcritas, foram tomados da obra: LOPEZ DE URALDE Y ELORZA, CACH, María Luisa. *Teresita*. 4.ed. Madrid: Vedrala, 1959.

² “Esse gênero de virgens não é fruto de nenhuma fecundidade corporal, nem descendência da carne ou do sangue. Se procurarmos sua mãe, esta é a Igreja. Só engendra virgens consagradas a Virgem consagrada” (SANTO AGOSTINHO DE

HIPONA. *De sancta virginitate*, c.XII).

³ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. Uma cruz bem carregada. In: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano XXVI. N.302 (maio, 2023), p.7.

⁴ “O que aconteceu corporalmente em Maria Imaculada – na qual

a plenitude da divindade brilhou em Cristo através da virgindade – é o mesmo que acontece em cada alma que guarda a virgindade segundo a razão” (SÃO GREGÓRIO DE NISSA. *La virginidad*, c.II, n.2. Madrid: Ciudad Nueva, 2000, p.46).

Fotos: Luis Rivelino



Antonio Rossini

Roma – Uma abençoada missão mariana foi realizada na Paróquia Santo Alberto Magno, entre 21 e 25 de janeiro. Além dos momentos de fervorosa oração (foto 1) e das visitas da Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria às residências dos enfermos (foto 3), marcaram os dias de missão as Santas Missas presididas por Dom Enrico Dal Covolo, SDB, assessor emérito do Pontifício Comitê das Ciências Históricas, e por Dom Michele Di Tolve, Bispo Auxiliar de Roma (foto 2).

Karolinne Kauffmann



Salvador López

Mairiporã (SP) – A Paróquia Nossa Senhora das Graças esteve em intensas atividades nos últimos meses. Destacamos aqui as missões Marianas realizadas nas circunscrições da Igreja Matriz São Judas Tadeu (foto 2) e da Capela Santa Inês (foto 3). Esta última também teve a alegria de receber, por ocasião da festa de sua padroeira no dia 25 de janeiro, a visita de Dom Sérgio Aparecido Colombo, Bispo de Bragança Paulista (foto 1).

Fotos: Maria Angélica Iamasaki



Renata Cruz

Araraquara (SP) – Nos dias 21 e 22 de janeiro, irmãos e cooperadores dos Arautos do Evangelho residentes em São Carlos realizaram uma missão mariana na Paróquia São Sebastião, de Araraquara. Com a ajuda dos paroquianos, foram visitados trezentos e sessenta lares, além de três capelas. A missão se encerrou com uma bela procissão, seguida de solene Eucaristia.

Vinte e cinco anos da aprovação pontificia

No dia 22 de fevereiro, festa da Cátedra de Pedro, completaram-se vinte e cinco anos da aprovação pontificia dos Arautos do Evangelho, concedida pelo Papa João Paulo II.

Em comemoração pela data, diversas cerimônias foram realizadas, entre as quais destacamos as Missas em ação de graças celebradas na Basílica da Conceção de Nossa Senhora, em Madri, presidida por Dom Piero Pioppo, Nuncio Apostólico na

Espanha (fotos 1 a 3); na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, no município paulista de Caieiras (fotos 4, 5 e 8); na casa dos Arautos em Lima, presidida por Mons. Guillermo Inca Pereda, Secretário-Geral Adjunto da Conferência Episcopal Peruana (fotos 6 e 7); na Basílica do Sameiro em Braga, Portugal (foto 11); na Paróquia São Bruno, em Santiago do Chile (foto 9); e na casa dos Arautos na Cidade da Guatemala (foto 10).



Fotos: Eric Salas



Leandro Sousa



Stephen Nami



Roberto Salas



Nuno Moura

Stephen Nami

Fotos: Jano Aracena

Cristian Knudsen



Fotos: Jesse Arce



Colômbia – Por ocasião do início da Quaresma, no dia 20 de fevereiro, os Arautos do Evangelho realizaram concerto musical na Catedral Primaz da Colômbia. O evento, transmitido por vários canais de televisão do país, foi organizado pela Prefeitura de Bogotá e pelo Governo do Departamento de Cundinamarca, com o apoio da Arquidiocese de Bogotá.

Fotos: Marcelo Vicenti



Paraguai – A Jornada Mundial do Enfermo foi celebrada na Igreja da Mãe do Bom Conselho, em Ypacaraí, no dia 14 de fevereiro. A programação constou de uma conferência sobre o Sacramento da Unção dos Enfermos, seguida da Santa Missa e da bênção com o Santíssimo Sacramento. Ao término da Eucaristia, os enfermos presentes receberam os santos óleos.

Fotos: Aida de Mérida



Guatemala – No dia 19 de fevereiro, o centro geriátrico Casa Ir. Cecilia Charrin, das Filhas da Caridade, recebeu a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria, conduzida por irmãs do setor feminino dos Arautos do Evangelho e cooperadoras da instituição. A ala visitada acolhe religiosas idosas que dedicaram suas vidas ao cuidado dos necessitados.

Retiros e simpósios

Por ocasião do feriado de carnaval, foram promovidos simpósios de formação e retiros espirituais em diversos lugares onde os Arautos do Evangelho atuam, a fim de melhor aproveitar o período da Quaresma. Nas fotos abaixo, destacamos as atividades realizadas no Rio

de Janeiro e Campos dos Goytacazes (RJ), em Belo Horizonte e Montes Claros (MG), em Maringá, Piraquara e Ponta Grossa (PR), em Brasília, Cuiabá, Mairiporã (SP) e Lauro de Freitas (BA), bem como na cidade de Santa Cruz, na Bolívia.

Maria Fernanda Aguiar



Maringá (PR)



Belo Horizonte



Cuiabá

Kaliê Salazar

Júnior Rafael Gonçalves



Ponta Grossa (PR)



Bolívia



Rio de Janeiro

Lucio Alves

Jéssica Beraldi



Campos dos Goytacazes (RJ)



Mairiporã (SP)



Piraquara (PR)

Alexandro Machado

José A. Filho



Lauro de Freitas (BA)



Brasília



Montes Claros (MG)

Antônio Geraldo



As saudades do Imaculado Coração de Maria

Assim como o sol nasce emitindo tênues raios, indicativos do esplendor que alcançará mais tarde, certos pormenores da história religiosa do Brasil contém um recado de Nossa Senhora para nós.



✠ Ir. Lucilia Lins Brandão Veas

Como um mestre “que tira de seu tesouro coisas novas e velhas” (Mt 13, 52), o Divino Paráclito faz sempre reluzir na Santa Igreja, ao longo dos séculos, aspectos inéditos de sua doutrina e espiritualidade.

Assim, de um dos cultos mais antigos da Cristandade, como o das dores sofridas por Nossa Senhora durante o Sacrifício da Cruz, desdobrou-se uma nova devoção, nascida e propagada em solo brasileiro no início do século XX...

Uma singular invocação da Santíssima Virgem

Escondido nas montanhas da cidade de Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, e tendo como guardiãs discretas carmelitas descalças, encontra-se um tesouro praticamente desconhecido. Trata-se da imagem de Nossa Senhora da Saudade.

Saudade é uma palavra da língua portuguesa bastante peculiar e expressiva, por isso mesmo difícil de definir ou traduzir. Exprime um misto de lembrança, dor e desejo, acrescidos de matizes próprios à psicologia luso-brasileira, muito dada ao afeto, com uma sadia nota de melancolia.

Conforme um dicionário de “termos intraduzíveis”, publicado pela Princeton University, *saudade* designa “a

memória de um passado querido que já não existe e o desejo dessa felicidade que falta”.¹ De maneira poética, exprime-se o clássico autor português Francisco Manuel de Melo: “Saudade é um mal de que se gosta e um bem que se padece”.

Assim, a invocação de Nossa Senhora da Saudade se reveste de matizes bastante singulares, ao honrar de modo especial “a dor [...] do Imaculado Coração de Maria, durante as trinta e seis horas, ou seja, os três dias incompletos, do encerramento de Jesus

no sepulcro”.² Ora, tal pendor de alma assaz compreendido pelo povo brasileiro, manifestado por essa devoção, foi fonte de abundantes bênçãos e graças durante vários anos.

Devoção inspirada pelos Céus

Conta-se que em 30 de março de 1918, um Sábado de Aleluia, a Ir. Ignez do Sagrado Coração de Jesus³ iniciou a devoção, até então desconhecida, no Carmelo de São José, por inspiração do Alto.

Antes da divulgação a público, o Bispo de Niterói, Dom Agostinho Benassi – sob cuja jurisdição estava à época a cidade de Petrópolis –, submeteu o conteúdo da nova devoção à avaliação de um eminente teólogo, o Pe. João Gualberto do Amaral, que o declarou ortodoxo, justificando, entre outras razões, constar na *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino⁴ a referência ao período de trinta e seis horas em que Jesus esteve sepultado.

Com o aval eclesástico, as carmelitas puseram-se a divulgar a devoção de Nossa Senhora da Saudade, enviando a diversas dioceses do Brasil folhetos com uma oração chamada *Coroa de saudades da Rainha dos Mártires* e o pedido de que os agraciados remetessem ao convento relatos das graças recebidas.



Através de Ir. Ignez se iniciou uma nova devoção, inspirada pelo Céu

Ir. Ignez do Sagrado Coração de Jesus

A Coroa de saudades

À semelhança de um terço, mas com apenas três mistérios a serem contemplados, a Coroa de saudades é composta por três Pai-Nossos e trinta e seis Lembrai-Vos,⁵ sendo finalizado por três Ave-Marias e uma oração própria.⁶ Em cada mistério reza-se um Pai-Nosso e doze Lembrai-Vos, e se medita um aspecto das saudades de Nossa Senhora.

A primeira dezena rememora a dor que brotou em sua alma quando a pedra do sepulcro velou de seus olhos o Corpo adorável de Jesus. “A hora do enterro de um ente muito amado é a hora de suprema dor para os que choram”, afirma uma meditação composta em 1943 para acompanhar a coroa, “Apesar de sem vida, o corpo presente parece que ilude os sentidos deixando-lhes o triste conforto de uma visão, horrível, sim, para o amor, mas que afinal recebe o desfogo dos últimos carinhos da ternura, desolada embora diante do silêncio da morte. Quando soa, porém, a hora cruel do derradeiro adeus... ao chegar o momento de alar-se da vista o Corpo querido, oh! [...] Nesse transe angustioso, desponta então no peito o acerbo espinho da saudade”⁷.

A segunda dezena considera os sofrimentos da Virgem na casa de São João, onde Ela Se aplicou, a despeito de seu sofrimento incomparável, em sustentar, fortalecer e afervorar a fé dos circunstantes. A meditação argumenta que, quando a dor e as saudades são lancinantes, almeja-se, por instinto, a solidão; Nossa Senhora, porém, não queria abandonar, em hora tão suprema, as Santas Mulheres, os Apóstolos e discípulos, que n’Ela confiavam. A Virgem dolorosa sacrificou, pois, essa inclinação natural em benefício da Igreja nascente.

A terceira dezena honra as saudades que Maria sentiu quando, no dia seguinte à Crucifixão, voltou ao Calvário e ali relembrou as dores que seu Divino Filho padecera sem uma só queixa. “Quem poderá imaginar o que foi o martírio da Rainha dos sacerdotes e das vítimas de amor naquela segunda

ascensão ao altar sublime do Calvário, empurpurado do Preciosíssimo Sangue!... [...] Enquanto Madalena e as Santas Mulheres preparavam aromas e bálsamos para ungirem o Corpo do Senhor, a Mãe de Deus concentrava em suas saudades a quintessência do mais precioso perfume que o amor já derramou nas chagas de Jesus”⁸.

Dor intensa, por trás do sorriso

Para difundir ainda mais a devoção, em 1929 uma alma piedosa, que muito devia à querida patrona das carmelitas de Petrópolis, mandou confeccionar em Paris uma imagem de Nossa Senhora da Saudade. Esculpida em mármore de Carrara e medindo um metro e sessenta e seis centímetros, ainda hoje ela pode ser venerada na capela do Carmelo.

Repousando os pés sobre o globo terrestre, a imagem ostenta na mão direita um fio de contas semelhante a um rosário, representando a Coroa de saudades. A mão esquerda repousa sobre seu peito, penetrado por uma espada de ouro.

Uma coroa, também dourada e cravejada de grandes pedras, cinge sua fronte, que se mantém levemente reclinada. Por trás de seu leve sorriso, essa posição da cabeça recorda ao fiel que d’Ela se acerca a intensidade das dores sofridas na Paixão.

Por que tão pouco conhecida?

Durante o período em que Petrópolis pertenceu à Diocese de Niterói, os Bispos locais concederam o *imprimatur* a onze edições de folhetos contendo a oração da Coroa de saudades, paulatinamente divulgados Brasil afora, acompanhados de pequenos terços apropriados, além de estampas de Nossa Senhora da Saudade e medalhas cunhadas com sua imagem.

Com frequência o convento recebia notícias de graças alcançadas através da devoção, que se espalhava e florescia pelos confins da nação. Em 1948, porém, o empenho apostólico das carmelitas foi sujeito a duras provas.



A Imagem recorda ao fiel a intensidade das dores sofridas por Nossa Senhora na Paixão

Nossa Senhora da Saudade - Carmelo de São José, Petrópolis (RJ)

Pouco antes, em 13 de abril de 1946, Pio XII desmembrara a cidade de Petrópolis da Diocese de Niterói, tornando-a sede de uma nova circunscrição eclesiástica. Seu primeiro Bispo, Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, empossado em 25 de abril de 1948, proibiu o Carmelo de São José de divulgar a devoção a Nossa Senhora da Saudade, restringindo o culto ao convento...

Nesse mesmo ano, as carmelitas passaram por outra noite escura: o Pe. João Gualberto do Amaral, que apoiara a devoção desde seu nascedouro, veio a falecer em janeiro e, meses depois, a Ir. Ignez do Sagrado Coração de Jesus seguiu o mesmo destino.

Devido aos obstáculos à divulgação do culto, pouco se conhece acerca da invocação e de sua coroa, a não ser o conteúdo de alguns folhetos recolhidos



No Brasil, Maria Santíssima quis manifestar as dores de suas saudades como prenúncio de um triunfo. Não esperaria Ela dessa nação uma confiança na vitória da Santa Igreja como requisito para sua intervenção?

Parque Nacional da Serra dos Órgãos, Petrópolis (RJ)

Achtemicharo (CC by-sa 4.0)

por um devoto e reunidos no livro em que se baseia este artigo.

Nossa Senhora da Saudade e o Brasil

Se Maria Santíssima quis ser conhecida no Brasil como Nossa Senhora da Saudade, propondo à consideração dos fiéis as dores de seu Imaculado Coração durante as horas de desolação e incerteza que antecederam a gloriosa Ressurreição de Jesus, é porque Ela almeja nos transmitir algum ensinamento, que com piedade filial podemos conjecturar.

São Mateus recolhe em seu Evangelho esta afirmação de Nosso Senhor: “Do mesmo modo que Jonas esteve três dias e três noites no ventre do peixe, assim o Filho do Homem ficará três dias

e três noites no seio da terra” (12, 40). E numa passagem do relato de São João o Divino Mestre assevera, referindo-Se a seu Corpo sagrado: “Destruí vós este templo, e Eu o reerguerei em três dias” (2, 19). Tais palavras insinuam que convinha ao Salvador passar três dias e três noites na escuridão do sepulcro, o que somaria um total de setenta e duas horas.

Entretanto, Ele esteve sepultado exatamente a metade desse tempo: duas noites incompletas e um dia, ou seja, trinta e seis horas. Pode-se presumir, então, ter a fé – cheia de saudades – de Nossa Senhora antecipado o momento da Ressurreição pois, naquele momento de solidão e de aparente derrota, Ela foi a única a sustentar a certeza da vitória de Cristo sobre a morte,

constituindo-Se no baluarte da Igreja que nascia.

Não terá o Brasil estreita relação com essa fé marial? Não lhe estará reservada a missão de velar pelo Corpo Místico de Cristo nesta noite de trevas em que se encontra o mundo, implorando a antecipação da vitória de Deus?

Se o Brasil foi um dia chamado Terra da Santa Cruz, se Nossa Senhora pediu aqui a contemplação das dores de suas saudades, renunciativas do triunfo de seu adorável Filho, podemos supor que Ela espera também dessa nação, como requisito para sua intervenção, uma confiança cristalina na vitória da Santa Igreja e uma disposição ilimitada de sofrer e lutar pela renovação da face da terra. ✦

¹ SAUDADE. In: CASSIN, Barbara (Ed.). *Dictionary of Untranslatables. A Philosophical Lexicon*. Princeton-Oxford: Princeton University, 2014, p.929.

² MONTEIRO, Mozart. *Nossa Senhora da Saudade*. 2.ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968, p.139.

³ A Ir. Ignez do Sagrado Coração de Jesus, que iniciou e propagou a devoção a Nossa Senhora da Saudade, chamava-se no século Ester Vieira da Cunha. Nasceu no Rio de Janeiro, em 20 de outubro de 1881. Tomou parte na fundação do Carmelo de São José, inaugurado em

1913 na cidade de Petrópolis, onde viveu até deixar este mundo a 18 de outubro de 1948, exalando, segundo testemunhas, o bom odor das virtudes cristãs. Seu corpo foi sepultado no interior da clausura, aos pés da imagem da Virgem Imaculada (cf. MONTEIRO, op. cit., p.140).

⁴ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. III, q.51, a.4.

⁵ “Lembraí-vos, ó piíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que tenha recorrido à vossa proteção, implorado vossa assistência e reclamado vosso

socorro fosse por Vós desaparcado. Animado eu, pois, com igual confiança, a Vós, ó Virgem entre todas singular, como Mãe recorro, de Vós me valho e, gemendo sob o peso de meus pecados, me prostro a vossos pés. Não desprezeis as minhas súplicas, ó Mãe do Verbo de Deus humanado, mas dignai-Vos de as ouvir propícia e de me alcançar o que Vos rogo. Assim seja”.

⁶ A oração própria é a seguinte: “Lembraí-vos, ó Rainha dos Mártires, das saudades cruciantes que atormentaram o vosso Imaculado Coração durante as trinta e seis horas

de sepultura do vosso Divino Filho. Pelas dores acerbíssimas da vossa soledade, oh, acendei-nos na alma o desejo de ver a Deus no Céu e alcançai-nos, um dia, a eterna bem-aventurança. Enquanto, porém, neste desterro peregrinamos, obtende-nos as graças que nos são necessárias para amarmos e servirmos a Jesus com fidelidade, até à morte; e, se for de sua vontade adorável, impetrai-nos (ou impetrai-me) a mercê que Vos imploramos (ou imploro) com inteira confiança. Amém”.

⁷ MONTEIRO, op. cit., p.141.

⁸ Idem, p.143-144.

...por que o sábado é dedicado a Nossa Senhora?

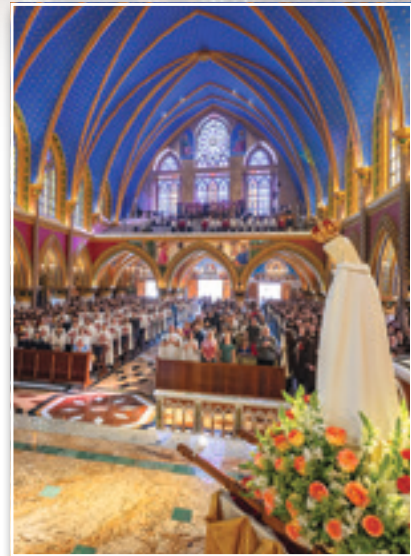
A consagração do sábado a Maria é uma tradição que remonta à época carolíngia, quando o erudito conselheiro de Carlos Magno, Alcuíno de York († 804), propôs duas Missas votivas em honra à Santíssima Virgem a serem celebradas nesse dia. A partir do século XI até nossos dias, o costume de se dedicar o sábado a Nossa Senhora obteve o consenso do clero e o entusiasmo dos fiéis. E não era para menos.

Reza o Gênesis que Deus “abençoou o sétimo dia e o consagrou” (2, 3); e que criatura foi, como Maria, tão cumulada de bênçãos pelo Senhor? O Criador descansou no sábado; e onde repousou Jesus durante nove meses, senão no seio da Virgem Mãe?

Nessas entranhas puríssimas a Sabe-doria Eterna quis habitar, conforme

as palavras da Escritura, que a Igreja põe nos lábios de Maria: “Aquele que Me criou repousou sob minha tenda” (Eclo 24, 12). Constituída assim no caminho pelo qual veio Deus até nós, a Rainha do Universo tornou-Se, a mais um título, a Senhora do sábado: como este leva ao domingo, também Ela é a via segura que nos conduz a Cristo.

Por cima dessas razões, está o fato de no sábado posterior à Paixão a Bem-Aventurada Virgem, sozinha, ter mantido íntegra a fé na Ressurreição de seu Divino Filho. A Mãe de Jesus foi a única que, nessa noite de trevas e incredulidade, representou em plenitude a própria Igreja, fazendo com que ela estivesse marcada por um aspecto marial desde o seu nascedouro. ✚



Leandro Sousa

Cerimônia de primeiro sábado do mês na Basílica Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

...por que a língua oficial da Igreja é o latim?

Na primeira comunidade de fiéis em Jerusalém, a Liturgia provavelmente se celebrava em aramaico, enquanto o hebraico estava reservado à leitura da Sagrada Escritura. Após a queda da Cidade Santa no ano 70 e a expansão da Igreja pelo Império Romano, o grego *koiné* tornou-se língua franca entre os cristãos.

Nos séculos III e IV, a língua grega perdeu prestígio, devido ao enfraquecimento da influência do Oriente na Igreja. De outro lado, documentos eclesiásticos oficiais começaram a ser redigidos em língua latina, como as cartas do Papa São Cornélio a São Cipriano de Cartago por volta do ano 250.

O emprego do latim na Liturgia foi lento e progressivo. Sua preponderância cresceu com a Bíblia Vulgata, versão encomendada pelo Papa São Dâmaso I a São Jerônimo.

Com a queda do Império Romano do Ocidente em 476, o latim clássico perdeu relevância, permanecendo, porém, na Liturgia e em documentos oficiais. O chamado *latim eclesiástico* continuou língua franca no Ocidente durante toda a Idade Média não só em escritos eclesiásticos, mas também seculares, coexistindo com as línguas neolatinas.

Apesar do declínio do ensino e do uso da língua latina no século XX, ela segue sendo “a língua viva da Igreja”

(SÃO JOÃO XXIII. *Veterum sapientia*: AAS 54 [1962], 134) e língua oficial do rito latino, conforme prescreve o Concílio Vaticano II, embora, por razões pastorais, pode-se conceder à língua vernácula lugar mais amplo (cf. *Sacro-sanctum Concilium*, n.36).

O novo regulamento geral da Cúria Romana, promulgado por Leão XIV em novembro de 2025, continua a preceituar que, via de regra, seus documentos sejam redigidos “na língua latina ou em outra língua” (art.50, §1).

Por fim, porque o latim não pertence a nenhuma nacionalidade, exprime melhor a universalidade da Igreja. E por não ser língua materna de ninguém, é incólume às mutações naturais dos idiomas em uso. Paradoxalmente, por ser “morta”, tornou-se imortal. ✚

Prólogo do Evangelho de São João -
Bíblia Vulgata Clementina

SANCTUM IESU
CHRISTI EVANGELIUM
SECUNDUM IOANNEM

Prologus evangelistæ, 1, 1-18

In principio erat verbum, et verbum erat
Deum, et Deus erat verbum. 2 Hoc erat
abud Deum.

A verdadeira ação só nasce da contemplação

Duas Santas, duas missões e – na aparência – dois caminhos em tudo distintos. À primeira vista, nada tão diferente quanto Santa Teresinha e Santa Joana d’Arc. Contudo, compartilham elas um fundo de alma surpreendentemente idêntico, que traz uma importante lição para o homem moderno.

✠ Pe. Louis Goyard, EP



Em artigo anterior,¹ pudemos considerar a heroicidade de virtudes de Santa Joana d’Arc. Foram lembrados seus feitos de armas, seu gênio militar inspirado pelo Céu, sua ousadia guiada pelas “vozes” e sua coragem inquebrantável, vista, aliás, como presunção e temeridade pelos covardes.

Ela desconcertou tanto os mais entendidos na arte da guerra quanto os maiores sábios na ciência teológica. Por curto espaço de tempo, seu trágico fim pareceu asseverar ter sido frustra a sua vida, antes de os fatos atestarem o glorioso êxito de sua missão. Profeta,

conselheira, general, harmonizadora, apologeta, guerreira – sempre sublime, seja na vitória ou no fracasso –, ela se tornou um prodigioso modelo para todos os homens de ação.

* * *

Em aparente antagonismo se encontra Santa Teresinha do Menino Jesus, a doce e serena doutora da pequena via, vitimada pela doença na solidão do Carmelo. Salvo o fato de terem sido ambas colhidas em juveníssima idade, tudo nelas parece contrariar-se: a austeridade do claustro, contra o fausto da vida de corte; o silêncio da capela, contra os fragores do campo de batalha; o recolhimento da contemplação de Deus, contra a solécia das providências a tomar; a longa agonia da enfermidade, contra o repentino fulgor do martírio... Nada parece haver de mais oposto do que a Santa de Lisieux e a Santa de Orléans. Sobretudo, nada mais distante que Santa Teresinha do ideal de homem de ação. Mas... será mesmo assim?

Na verdade, não se pode esquecer que a religiosa foi proclamada por Pio XI como padroeira universal das missões. Engano ou arbitrariedade infundada? Com efeito, como pode justificar-se essa patronagem, se Santa Teresinha nunca saiu em missão?

Santa Joana d’Arc na coroação de Carlos VII pelo Arcebispo de Reims, por Jules-Eugène Lenepveu - Panteão de Paris



Reprodução

Em primeiro lugar, é sabido que a santa carmelita dirigiu espiritualmente dois missionários e, pelas suas cartas, percebe-se ter ela compreendido as missões melhor do que ambos, e com mais profundidade do que muitos outros ainda. Em segundo lugar, seu amor a Deus e seu ardor pelas almas faziam-na palpitar de desejos apostólicos, que ela convertia em intenções, orações e imolações, as quais se viam recompensadas por abundantes frutos de conversão.

Assim, embora fisicamente cercada pela clausura religiosa, a veemência de sua alma não conheceu fronteiras nem limites. Como consequência, não existe hoje terra remota na qual não haja uma igreja, um convento, um hospital ou uma escola dedicada a ela.

* * *

Contudo, que relação se pretende estabelecer entre Santa Teresinha e Santa Joana d’Arc?

Assim como Santa Teresinha pode ser considerada, à sua maneira, uma

alma de ação, Santa Joana d’Arc deve ser compreendida, também, como uma alma de contemplação. Com efeito, suas vozes provaram nunca terem mentido: eram, pois, sobrenaturais, e o contato místico com o sobrenatural é um fruto característico da contemplação, sem a qual não existe mística autêntica.

A própria flexibilidade de Santa Joana d’Arc às moções oriundas das vozes é uma demonstração, não apenas do vigor de sua fé, mas do seu agudo senso sobrenatural, treinado no relacionamento espiritual constante com Deus, convívio este que conforma a essência da contemplação. Ademais, as respostas cheias de sabedoria que a *Pucelle* espetou nos seus juizes provinham de um espírito caracteristicamente meditativo.

Podemos encontrar um eloquente sintoma da entranhada relação de afinidade existente entre ambas as Santas, não apenas no papel representado por Santa Teresinha em uma peça teatral feita no Carmelo, mas sobretudo na referência a Santa Joana d’Arc como “minha irmã querida”,² consignada em seus escritos.

* * *

Cada uma a seu modo, as duas Santas demonstraram que a verdadeira ação nasce da contemplação. Com efeito, considerado de um mirante mais alto, agir consiste em realizar algo planejado por Deus para que fosse realizado por nós. O homem deve, pois, perscrutar esse desígnio divino, e só é capaz de fazê-lo mediante o convívio interior com o Criador, em regime de contemplação. Com razão Dom Chautard³ atribuía todo fruto apostólico ao fervor da vida interior!...

Contudo, muito antes do abade de Sept-Fons, nosso Divino Modelo nos deu o supremo exemplo. Estando para começar sua vida pública, Nosso Senhor Jesus Cristo passou quarenta dias em retiro no deserto; nos três anos que pregou em Israel, previamente a toda grande ação recolhia-Se Ele na solidão dos montes para orar ao Pai; por fim, prestes a iniciar sua Paixão salvadora, dirigiu-Se ao Horto das Oliveiras para meditar e rezar. Ninguém jamais agiu como o Redentor,



Acima, Santa Teresinha do Menino Jesus vestida como Joana d’Arc, no ano de 1895; à esquerda, no pátio do Carmelo de Lisieux, em 1896



nem com maiores frutos; ninguém, tampouco, jamais contemplou como Ele.

O homem moderno pensa ser todo feito de ação e para a ação, com muita agitação inclusive. Lembrar-se-á ele de que o êxito da ação depende – como o calor depende do fogo – de ter aprofundado suas raízes na contemplação, na relação de alma com Deus? ✨

¹ *Virtudes antagônicas ou complementares?*, publicado na edição de março desta Revista.

² SANTA TERESA DE LISIEUX. *Manuscrit B*, 3r.

³ Cf. CHAUTARD, OCR, Jean-Baptiste. *A alma de todo apostolado*. 2.ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2015.

Dona Lucília em Paris,
no ano de 1912



Alegria de dar e querer bem

Dona Lucília compreendia muito bem que a essência do convívio está na afinidade das almas e na felicidade que há em dar-se e em querer-se bem, realizando ao pé da letra o princípio enunciado por Nosso Senhor: é mais feliz quem dá do que quem recebe.

Tal impostação de algum modo modelava o espírito dela em termos tais, que se notava uma vontade de dar-se e de atrair a si para

esse convívio de alma como não conheci em ninguém. E a isso se acrescia uma dignidade e tranquilidade, uma serenidade e resignação, pelas quais, se nada desse certo, ela não azedava, não se indignava, não recriminava, não se vingava, não se entristecia. Esta é bem a conduta da Santa Igreja em relação aos pecadores.

Plínio Corrêa de Oliveira